

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

André Rodrigues

**O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL
PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL**

Taubaté-SP

2020

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

André Rodrigues

**O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL
PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté sob orientação da Prof. ^a Dr. ^a Adriana Leônidas de Oliveira.

TAUBATÉ-SP

2020

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

R696i Rodrigues, André
O intercâmbio como experiência intercultural para o desenvolvimento pessoal / André Rodrigues. -- 2020.
80 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveiras,
Departamento de Psicologia.

1. Intercâmbio. 2. Interculturalidade. 3. Mobilidade. 4.
Desenvolvimento. 5. Crescimento pessoal. I. Universidade de
Taubaté. Departamento de Psicologia. Curso de Psicologia. II.
Título.

CDD – 302

ANDRÉ RODRIGUES

**O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL PARA O
DESENVOLVIMENTO PESSOAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté sob orientação da Prof. ^a Dr. ^a Adriana Leônidas de Oliveira.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dra. Adriana Leônidas de Oliveiras

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. ^a Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Aos meus pais, Cláudia e Elidio;
aos meus irmãos, João Pedro e
Victor; à toda minha família e
amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus ancestrais e toda minha família, os quais me proporcionaram boas condições e a capacidade de realizar um curso Superior. Aos aprendizados e ensinamentos que todos me proporcionaram, palavras de motivações e acolhimentos que me incentivarão. Agradeço por todo o apoio que eu recebi durante a minha vida, frente às minhas dificuldades, decisões e fases, tal como essa que está se encerrando.

Aos meus amigos, que estiveram sempre ao meu lado, eu sou extremamente grato por compartilhar essa experiência. Sempre levarei comigo um pedaço de cada um, histórias, risadas, estresses e todos os outros momentos que passei com vocês. Obrigado pelos ensinamentos e pelas trocas de conhecimento e energia.

Aos colegas de classe fica a minha eterna gratidão. Cada um de vocês me ensinou uma coisa, foram quatro anos vivendo com vocês, enfrentando as diversas adversidades e momentos que marcaram a minha história na faculdade.

À instituição e a todos os professores que me proporcionaram reflexões, conhecimentos, supervisões, pesquisas e críticas agradeço pelas trocas de experiência que aconteceram desde o meu primeiro ano da faculdade, pela a dedicação e o trabalho com que me auxiliaram em minha formação profissional e pessoal.

Em especial, eu agradeço à minha orientadora Adriana Leônidas de Oliveira por me incentivar a desenvolver a minha pesquisa, seja pela disposição, confiança, ideias compartilhadas e discussões que me fizeram refletir durante o desenvolvimento da pesquisa.

Gostaria de agradecer também à banca examinadora Prof. Débora Inácia Ribeiro por toda contribuição.

E, por fim, eu agradeço a mim e por toda a minha jornada percorrida, mais um ciclo se encerra em minha vida, mas outro se inicia logo em seguida.

Muito obrigado a todos, os meus sinceros sentimentos de gratidão!

“Ninguém nasce feito, é experimentando-
nos no mundo que nós nos fazemos”.

Paulo Freire.

RESUMO

Viver uma experiência intercultural como: intercâmbio, mobilidade acadêmica, trabalho voluntário, entre outros tipos de experiências, traz ao indivíduo enriquecimento pessoal e profissional. A presente pesquisa tem como objetivo compreender como se caracteriza o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio e o que impulsiona tal desenvolvimento. Especificamente visa compreender os sentimentos vividos pelo indivíduo durante a experiência intercultural, além de identificar os desafios de uma experiência intercultural e as formas de enfrentamento encontrados para lidar com as dificuldades. A pesquisa objetiva caracterizar o desenvolvimento alcançado numa dimensão psicológica, cultural e profissional. O intercâmbio pode ser entendido como uma troca de informações, crenças, valores e costumes de uma determinada cultura, sendo que a experiência de viver em outro país proporciona ao indivíduo conhecer hábitos diferentes, desenvolver habilidades e competências pessoais, além de desenvolver um autoconhecimento frente aos desafios e dificuldades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória e de campo. Foram estudados jovens adultos intercambistas na faixa etária entre 18 a 30 anos de idade, por meio de uma entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por 15 participantes que fizeram uma experiência intercultural em um país estrangeiro há no máximo 4 anos, com duração mínima de um mês. Técnicas qualitativas de análise de conteúdo foram utilizados para análise do material. Resultados revelaram que o contato com as variantes culturais, de clima, hábitos e valores faz com que o intercambista absorva novas culturas e novos hábitos, assim como permite a exposição da sua própria cultura. Estar longe do seu país de origem, família, amigos, costumes é desafiador, e a adaptação se dá à medida que a experiência vai ocorrendo. Para isso, os relacionamentos são extremamente importantes para o bem-estar durante a vivência do intercâmbio. O desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio é favorável para o intercambista e para a região em que vive, e o que impulsiona tal desenvolvimento são desde a resolução e enfrentamento dos desafios até as relações construídas durante a experiência do intercâmbio. Podemos concluir que uma experiência intercultural pode colaborar tanto para o desenvolvimento do indivíduo como da sociedade, pois o contato com a diversidade cultural estimula uma maior tolerância com o outro e com a diferença, além de promover uma formação integral para o indivíduo cidadão. Tal aspecto é fundamental no mundo globalizado em que

vivemos, uma vez que se faz necessária uma constante integração social, política, cultural e econômica entre as nações, regiões e pessoas.

Palavras-chaves: Intercâmbio. Interculturalidade. Mobilidade. Desenvolvimento. Crescimento pessoal.

ABSTRACT

EXCHANGE WITH INTERCULTURAL EXPERIENCE FOR PERSONAL DEVELOPMENT.

Living an intercultural experience such as: exchange, academic mobility, voluntary work, among other types of experiences, brings personal and professional enrichment to the individual. This research aims to understand how the personal development achieved from the exchange experience is characterized and what drives such development. Specifically, it aims to understand the feelings experienced by the individual during the intercultural experience and the ways of coping found to deal with the difficulties. The research aims to characterize the development achieved in a psychological, cultural and professional dimension. The exchange can be understood as an exchange of information, beliefs, values and customs of a certain culture, and the experience of living in another country allows the individual to know different habits, develop personal skills and competences, in addition to developing self-knowledge about themselves facing challenges and difficulties. It is a qualitative exploratory and field research. Young adult exchange students aged between 18 and 30 years old were studied, through a semi-structured interview. The sample consisted of 15 participants who had no intercultural experience in a foreign country for a maximum of 4 years, with a minimum duration of one month. Qualitative content analysis techniques were used to analyze the material. Results revealed that contact with cultural variations, climate, habits and values makes the exchange student absorb new cultures and new habits, as well as allowing the exposure of their own culture. Being away from your country of origin, family, friends, customs is challenging, and adaptation takes place as the experience goes on. For this, relationships are extremely important for the welfare during the exchange experience. The personal development achieved from the exchange experience is favorable for the exchange student and for the region in which he lives, and what drives such development are from solving and facing challenges to the relationships built during the exchange experience. It can be concluded that no intercultural experience can collaborate both for the development of the individual and of society, as the contact with cultural diversity stimulates a greater tolerance with the other and with the difference, in addition to promoting an integral formation for the

individual citizen. Such an aspect is fundamental in the globalized world in which we live, since a constant social, political, cultural and economic integration between nations, regions and people is necessary.

Keywords: Exchange. Interculturality. Mobility. Development. Personal growth.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização da amostra.....	35
Quadro 2 – Caracterização da amostra – Dados da viagem.....	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categoria 1: Motivações do intercâmbio.....	37
Figura 2 – Categoria 2: Cultural e primeiras impressões.....	41
Figura 3 – Categoria 3: Sentimentos vividos pelo indivíduo.....	45
Figura 4 – Categoria 4: Relacionamento.....	50
Figura 5 – Categoria 5: Desafios e formas de enfrentamento.....	55
Figura 6 – Categoria 6: Desenvolvimento pessoal.....	60

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2. OBJETIVOS	15
1.2.1. Objetivo geral	15
1.2.2. Objetivos específicos	15
1.3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	16
1.4. RELEVÂNCIA DO ESTUDO	16
1.5. ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA.....	17
2. REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1. INTERCÂMBIO.....	18
2.2. MOBILIDADE COMO CAPITAL SIMBÓLICO	21
2.3. INÍCIO DA VIDA ADULTA E O ADULTO JOVEM	23
2.4. DESENVOLVIMENTO PESSOAL POR MEIO DO INTERCÂMBIO	25
3. MÉTODO	28
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	28
3.2. ÁREA DE REALIZAÇÃO	29
3.3. PARTICIPANTES	29
3.4. INSTRUMENTOS.....	29
3.5. PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	30
3.6. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS.....	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
4.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	32
4.2. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	34
4.2.1. Categoria 1: motivações do intercâmbio	35
4.2.2. Categoria 2: cultura e primeiras impressões	39
4.2.3. Categoria 3: sentimentos vividos pelo indivíduo	43
4.2.4. Categoria 4: relacionamentos	48
4.2.5. Categoria 5: desafios e formas de enfrentamento	53
4.2.6. Categoria 6: desenvolvimento pessoal	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

ANEXO A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.	75
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS	77

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Guimarães (2013), a mobilidade internacional iniciou-se na Europa, no final do século XX, tendo proporcionado um desenvolvimento no comportamento acadêmico. Com o término das Grandes Guerras, a mobilidade de docentes europeus para as instituições dos EUA inaugurou a internacionalização da educação como estratégia capaz de enriquecer o desenvolvimento.

As políticas de gestão dos fluxos de pessoas, de acordo com Mazza (2015), assentam-se em processos, projetos e ações induzidos pelos principais países receptores, para isso tomamos como políticas de migrações a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Diretiva de Retorno. A Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) que anuncia os valores de “igualdade, liberdade e diversidade”, tendo em vista a construção dos direitos humanos numa dimensão de cidadania universal; e a Diretiva de Retorno (2008) que defende o sistema internacional organizado em estados ou blocos regionais que exercem soberania em determinados territórios e seus direitos.

A palavra “intercultural” adquire importância cada vez maior nas instituições acadêmicas. Além das consequências oriundas da globalização econômica, houve um significativo crescimento na elaboração e transmissão de informações, que, por meio da internet e de diferentes meios de comunicações, eliminou limites geográficos, permitindo uma maior interação entre as diversas culturas, refletindo assim em outras formas de sociabilidade (FREITAS, 2009).

A globalização permitiu uma maior troca de conhecimento entre as nações, a “imagem de destino” seria o país que o “intercambista” escolhe para viver essa experiência intercultural, essa escolha possui a perspectiva da representação de diversos valores e características do país. Tasci **et al.** (2007) propuseram que a “imagem de destino” seja apreendida como um sistema interativo entre pensamento, opiniões, sentimentos, visualizações e intenções em direção ao destino, tais como: a diversidade cultural do país, qualidade de vida associada à segurança pública, à biodiversidade e aos fatores climáticos, às atratividades de lazer, infraestrutura, reputação, etc.

Sendo assim, o intercâmbio pode ser entendido como uma forma de trocar informações, crenças, culturas e conhecimentos. Segundo Dalmolin et al. (2013), a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas,

auxilia na superação de desafios e dificuldades os quais agregam valores ao crescimento profissional e pessoal, uma vez o “intercambista” precisa se adaptar ao ambiente.

Para Dalmonin et al. (2013), o intercâmbio e a mobilidade acadêmica ou mobilidade internacional promovem vantagens além do aprendizado, tal como no desenvolvimento psicológico: autoconfiança, amadurecimento, independência, autonomia, capacidade de relacionar-se e, sentir-se ‘um cidadão do mundo’. Conceitua-se o intercâmbio como relações sejam elas culturais, comerciais ou educacionais que são desenvolvidas de modo recíproco entre nações e instituições. Já a mobilidade acadêmica é um programa que permite a comunidade acadêmica realizar parte de suas atividades em outra instituição de ensino ou de pesquisa.

O intercâmbio proporciona desenvolvimento pessoal em um ambiente desconhecido, uma nova cultura com novos hábitos. Uma das dificuldades é manter o próprio bem-estar no país estrangeiro, o indivíduo desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento de sua carreira profissional e pessoal, como afirmam Lima et al. (2009). Para esses autores, tal experiência amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho, conforme favorece também o amadurecimento emocional principalmente dos jovens.

Constata-se que o intercâmbio como experiência intercultural capacita e auxilia no desenvolvimento pessoal, social e profissional. Ao participar da mobilidade, o indivíduo consegue obter várias oportunidades e beneficiar-se dessa diversidade, um investimento na vida e no futuro do indivíduo. O desenvolvimento de habilidades e o enfrentamento dos desafios e dificuldades colaboram para pessoa se tornar um “cidadão do mundo”.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

O intercâmbio proporciona o conhecimento e convivência com outras culturas a partir de estudos e trabalhos feitos em um país estrangeiro. Um meio próspero na preparação dos adultos jovens para trabalhar e viver num mundo globalizado, e uma oportunidade única para o desenvolvimento psicológico, social, cultural e profissional, proporcionando também uma qualificação em sua formação acadêmica. Sendo assim, questiona-se: **como se caracteriza o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio e o que impulsiona tal desenvolvimento?**

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

Compreender como se caracteriza o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio e o que impulsiona tal desenvolvimento.

1.2.2. Objetivos específicos

- Compreender os sentimentos vividos pelo indivíduo em uma experiência intercultural;
- Identificar os desafios de uma experiência intercultural e as formas de enfrentamento;
- Caracterizar o desenvolvimento alcançado pela experiência do intercâmbio numa dimensão psicológica, social, cultural e profissional.

1.3. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Pesquisa delimitou-se a estudar jovens adultos “intercambistas” na faixa etária entre 18 a 30 anos de idade, que tivessem feito uma experiência intercultural em um país estrangeiro há no máximo 4 anos e com duração mínima de um mês.

1.4. RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Sabemos da importância da experiência intercultural no enriquecimento pessoal e profissional nos dias de hoje. A pesquisa tem como objetivo compreender os motivos que impulsionaram o desenvolvimento pessoal, além de caracterizar o desenvolvimento que houve nos indivíduos que passaram por uma experiência intercultural. A relevância do estudo tem como centro um aprofundamento sobre a experiência e suas consequências.

O intercâmbio pode ser entendido como uma troca de informações, crenças, valores e costumes de uma determinada cultura. A experiência de viver em outro país proporciona ao indivíduo conhecer hábitos diferentes, desenvolver habilidades e competências pessoais, além desenvolver um autoconhecimento sobre si próprio frente aos desafios e dificuldades. O mundo globalizado encontra-se em um movimento de integração social, política, cultural e econômica, sendo que a troca de experiências e informações entre os indivíduos permite uma maior cooperação entre as nações, promovendo assim um desenvolvimento mútuo, não só para o indivíduo, mas também para a sociedade como um todo.

A contribuição desta pesquisa para a formação da educação mostra a importância de que investir e viver uma experiência intercultural. Seja qual for a vivência, a experiência em si atua como método de desenvolvimento pessoal, profissional e cultural. Apesar de gerar gastos financeiros, o retorno oportunizado pela experiência é global, portanto, é uma maneira educativa para a construção da cidadania. Devido à aplicação deste recurso como fonte de capital simbólico e consequentemente capital financeiro, reforça a importância deste tema para uma maior acessibilidade dos indivíduos.

1.5. ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

A monografia organiza-se em cinco seções. A primeira seção discorre a respeito da Introdução da pesquisa, sobre o Problema de pesquisa e os objetivos buscados, a delimitação e sua relevância. A segunda seção é composta pela revisão da literatura, apresentando temas como Intercâmbio, Mobilidade como capital simbólico, Início da vida adulta e o adulto jovem e por fim, Desenvolvimento pessoal por meio do intercâmbio. O método utilizado na pesquisa é desenvolvido na terceira seção. Na penúltima seção são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir das entrevistas, inicialmente com uma caracterização da amostra e depois a análise dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa. A apresentação da monografia encerra-se com as referências, apêndices e os anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O intercâmbio é uma experiência intercultural na qual o indivíduo entra em contato com novas culturas, conhecimentos, costumes, hábitos, ou seja, uma outra realidade diferente da que vivenciava. Tido como um investimento, a experiência intercultural proporciona a formação do capital simbólico.

As consequências possibilitadas pela vivência do intercâmbio estabelecem relações com o período de desenvolvimento do jovem adulto. O início da vida adulta é marcado por uma série de indicadores internos, tais como: o sentimento de autonomia, autocontrole, responsabilidade pessoal, entre outros indicadores.

A maturidade psicológica depende das realizações do indivíduo. O intercâmbio proporciona desenvolver algumas dessas realizações tal como: um sistema de valores, descobrir a própria identidade e estabelecer relacionamentos. Visto como uma forma de aprendizagem e desenvolvimento, as trocas de conhecimentos fazem com que o indivíduo expanda a percepção sobre o mundo e sobre si mesmo.

Ao longo da revisão de literatura, desenvolveremos essas ideias acerca da experiência do intercâmbio.

2.1 INTERCÂMBIO

De acordo com Guimarães (2013), a mobilidade internacional iniciou-se na Europa, no final do século XX, tendo proporcionado um desenvolvimento no comportamento acadêmico. Com o término das Grandes Guerras, os países visavam a reconstrução das nações destruídas, a assistência por meio de acordos culturais, científicos, mobilidade estudantil e bolsa de capacitação que eram oferecidas para o desenvolvimento. A mobilidade de docentes europeus para instituições dos EUA devido ao contexto da época inaugurou a internacionalização da educação como estratégia capaz de enriquecer o desenvolvimento.

A palavra “intercultural” adquire importância cada vez maior nas instituições acadêmicas. Além das consequências oriundas da globalização econômica, houve um significativo crescimento na elaboração e transmissão de informações (FREITAS, 2009). A aproximação dos participantes com outros países e culturas são um dos motivos para realização desses programas, contribui-se para a formação do cidadão

com um todo, as suas ações transformadoras se tornam mais ativas em seu entorno e sua região (DOWBOR, 2009).

A aproximação entre instituições de diferentes partes do planeta proporciona o estímulo e o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem e de produzir, gerenciar e ampliar o conhecimento. Uma ideia atrelada ao intercâmbio e a interculturalidade é a educação, vale recordar que a educação é importante para a formação do indivíduo como um todo, além de formar indivíduos críticos e dar voz ativa a todos os indivíduos, proporciona igualdade ou menor desigualdade, ou seja, a educação tem como papel a construção de uma cidadania ativa capaz de gerar dinâmicas construtivas para com a sociedade (PEREIRA, 2017).

A globalização é decorrente de relações com diferentes culturas e povos que se relacionam emocionalmente, culturalmente e economicamente. As políticas de gestão dos fluxos de pessoas servem para ajudar tanto os indivíduos quanto as nações, essas políticas de migrações assentam-se em processos, projetos e ações induzidos pelos principais países receptores, para isso tomamos a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Diretiva de Retorno como perspectivas que orientam a governabilidade das migrações (MAZZA, 2015).

De acordo com Mazza (2015), a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) anuncia os valores de “igualdade, liberdade e diversidade”, ampliando os espaços de luta dos movimentos sociais e tendo em vista a construção dos direitos humanos numa dimensão de cidadania universal. A autora ainda discute a importância política da Diretiva de Retorno (2008), na qual defende que o sistema internacional deve ser organizado em estados ou blocos regionais que exercem soberania em determinados territórios e que historicamente tratam de modo distinto os direitos dos nativos – cidadãos – e dos estrangeiros – não cidadãos ou menos cidadãos.

De acordo com Mariano (2008), o intercâmbio mesmo sendo um investimento alto sem garantia de retorno, pode promover mudanças na vida de uma pessoa, a pessoa ao passar por uma experiência intercultural como o intercâmbio volta com outros pensamentos, vivenciar e conhecer outras culturas pode ser algo transformador para o indivíduo. A autora ressalta a diversidade de processos de intercâmbio existentes atualmente, para todas as idades, todos os desejos e objetivos, abrangendo desde adolescentes, executivos e professores, independente do período de permanência, um mês ou um ano, é oportunidade de portas abertas para todos.

Sabendo disso, o intercâmbio pode ser entendido como uma forma de trocar informações, crenças, culturas e conhecimentos dentro dessas políticas de migrações. Segundo Dalmolin et al. (2013), a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades, pois o “intercambista” precisa se adaptar ao ambiente, enfrentar desafios e passar por experiências desse tipo são extremamente relevantes já que agregam valores ao crescimento profissional e pessoal.

Aumentando assim, a capacidade do indivíduo em seus relacionamentos interpessoais, favorecendo a descoberta de aspectos ainda não pensados antes da convivência com outros povos, é uma oportunidade de conhecer novas culturas, sistemas políticos e organizações sociais, aprender, aprimorar e/ou conhecer as variantes linguísticas de um novo idioma. Entre as inúmeras metas destes programas destaca-se a necessidade de investir na formação pessoal altamente qualificada nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento (DALMOLIN, et al., 2013).

Conforme Guimarães e Oliveira (2017), as fronteiras são derrubadas e o mundo é representado por uma população universal, espera-se que após uma estadia no exterior o indivíduo volte munido de ferramentas profissionais, acadêmicas. Uma experiência na qual o indivíduo precisou aprender a conviver com as diferenças sociais, culturais e estruturais, ou seja, a mobilidade vista é além de uma mudança e locomoção, ela também é uma forma de investir em si mesmo e no seu próprio desenvolvimento.

Vista como um capital simbólico, a mobilidade é tão importante quanto o capital financeiro propriamente dito. Na próxima subseção aprofundaremos sobre o conceito de mobilidade e capital simbólico.

2.2. MOBILIDADE COMO CAPITAL SIMBÓLICO

Conceitua-se mobilidade como a capacidade e a disposição e ao desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente e de interagir com diferenças em relação à sua cultura, de um grupo social a outro, ao seu cargo e aos seus saberes, ou seja, um indivíduo aberto a experiências novas, a qual ira afrontar os conhecimentos dos indivíduos de suas experiências pessoais e profissionais, tal como as suas certezas culturais. Portanto, a mobilidade é além de uma mudança geográfica, é também um conjunto de competências desenvolvidas pela relação do indivíduo com o meio (FREITAS, 2009).

A mobilidade como um capital simbólico passa a ser compreendida com a disposição interior, o aprendizado e o exercício de uma abertura às mudanças constantes, sejam elas: em relação a cargos, a países ou a saberes pessoais. A mesma autora diz que a “biografia”, ou seja, a história de cada um é como uma enciclopédia que é constantemente atualizada, visto que a cada nova experiência o todo é reavaliado na direção de mais mobilidades. Mais que um pré-requisito, a mobilidade precisa ser um desejo, uma vontade, um projeto de mudar sempre, de buscar o novo sempre e de se conhecer sempre.

De acordo com Freitas (2009), não é apenas o dinheiro que conta na vida, o capital cultural, social, mobilidade e outros são ambos recursos simbólicos tão úteis quanto o capital econômico representado pelos bens financeiros e patrimoniais. O capital cultural seria o conjunto de conhecimentos adquiridos, idiomas falados, diplomas, maneiras de se comunicar e outras questões. O capital social compreende as redes de relações do indivíduo ou de um grupo, ambos valores importantes para os indivíduos desenvolver e serem bem-sucedidos.

O capital simbólico seria o enriquecimento cultural e pessoal do indivíduo construído na medida em que há o confronto de diferentes desafios e estratégias para a adaptação. A transformação dos significados possibilitados pelas interações e aprendizados que ocorreram durante a mobilidade permite o desenvolvimento, como dito anteriormente o indivíduo que se mostra aberto a novas experiências e permite-se testar seus limites de conhecimento, de experiências, tanto pessoais quanto profissionais, permite que o indivíduo se construa enquanto pessoa, e o que permite essa construção é diferente em cada um (OLIVEIRA; FREITAS, 2017).

Na visão de Beck (1999) e Ianni (1995), o número de indivíduos em mobilidade está em constante crescimento, visto que universidades e organizações inserem-se no mundo globalizado e concorrente internacionalmente. O mundo encontra-se em constante processo de integração social, política, cultural e econômica, encorajado, historicamente, pela necessidade de diminuição de preços dos meios de comunicação e transporte dos países no início do século XXI.

O investimento em capital humano é importante para a melhoria da qualificação profissional que os participantes buscam no exterior, a experiência de mobilidade é importante para o desenvolvimento pessoal e intercultural do indivíduo, essa experiência é central para a formação global e desenvolvimento do capital de mobilidade (OLIVEIRA; FREITAS, 2016).

Os projetos de internacionalização é uma importante fonte de renda de muitos países, a oportunidade de viver uma experiência acadêmica fora de seu país de origem e de alguma forma amadurecer como pessoa e diferenciar seu currículo gera gasto, um investimento na formação pessoal e profissional, auxiliando não só os jovens adultos como a sociedade como um todo (ALTBACH; KNIGHT, 2006).

Integrar os alunos ao mundo, possibilitando a eles a vivência intercultural, a expansão de seus conhecimentos, lembrando que “o conhecimento não tem nacionalidade”, a busca por conhecimento ultrapassa fronteiras e o país que mais valoriza essa competência consegue atrair e reter indivíduos, pesquisadores, estudantes, ou seja, profissionais de todas as áreas (STALLIVIERI, 2004, p.40).

A necessidade de entender, interagir e integrar pessoas, grupos, organizações e nações diferentes, uma mudança interior que reflete no indivíduo que realiza uma experiência como o intercâmbio. A importância de uma vivência dessas contribui para o desenvolvimento do próprio indivíduo, principalmente para os jovens adultos que já se encontram em um período de desenvolvimento e maturação, a interação social é relevante para esses indivíduos e seu desenvolvimento (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2017).

A busca da mobilidade como investimento é importante para a melhoria da qualificação profissional e pessoal. Segundo Papalia e Feldman (2013), ao iniciar a fase adulta os jovens buscam realizações tanto pessoais quanto sociais e

profissionais. É um momento na vida de descoberta antes de assumir os papéis e responsabilidades da vida adulta.

2.3. INÍCIO DA VIDA ADULTA E O ADULTO JOVEM

O início da vida adulta é indicado por uma série de marcadores, e varia conforme cada autor. Sabendo disso, fez-se um apanhado geral dos principais marcadores e as suas relações, o início da vida adulta é marcado por uma série de indicadores internos tais como: o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal. A maturidade psicológica depende de realizações como descobrir a própria identidade, tornar-se independente dos pais e responsáveis por si mesmas, desenvolver um sistema de valores e estabelecer relacionamentos afetivos, entre outras realizações (PAPALIA; FELDMAN 2013).

O início da vida adulta é um momento na vida em que os adultos jovens podem descobrir quem são, ou seja, é um tempo de experimentação antes de assumir os papéis e as responsabilidades da vida adulta. Conforme Arnett (2006 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.452) para a maioria das pessoas “leigas”, ou seja, aquelas pessoas que não possuem um conhecimento aprofundado, o início da vida adulta define-se em três critérios: aceitar a responsabilidade por si mesmo, tomar decisões independentes e tornar-se financeiramente independente; resumidamente, é um período de tempo o qual os indivíduos não são mais adolescentes e ainda não firmaram no novo papel de adulto.

Os caminhos individuais para a vida adulta são influenciados por fatores como gênero, capacidade acadêmica, classe social, entre outros fatores. Para este jovem adulto alcançar uma identidade étnica segura, eles devem vir a entender-se como parte de um grupo étnico e como parte da sociedade mais ampla, ambientes diferentes de sua cultura de origem fazem questionar seus próprios valores tradicionais e fazer desenvolver sentimentos positivos tanto em relação à própria identidade quanto em relação a cultura mais ampla, ou seja, auxilia na aceitação de outros grupos e culturas. Portanto, “esses sentimentos podem resultar em interações mais positivas entre grupos diferentes e em reduções na discriminação” (PHINNEY; JACOBY; SILVA, 2007 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.487).

O desenvolvimento dos relacionamentos íntimos é uma tarefa crucial no período adulto jovem, além de serem vitais para a saúde e bem-estar dos mesmos. De acordo com Cohen (2004 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013), verificam-se pelo menos dois aspectos inter-relacionados do ambiente social que podem promover a saúde: integração social e apoio social. O primeiro, integração social, seria o envolvimento ativo em diversos relacionamentos, atividades e papéis sociais. O segundo, apoio social, refere-se aos recursos materiais, informativos e psicológicos derivados da rede social, recursos esses que auxiliam na busca de ajuda para lidar com o estresse e outras questões pessoais. Logo, as pessoas se tornam íntimas por meio da receptividade às necessidades do outro e aceitação e respeito mútuos.

A necessidade de estabelecer relacionamentos fortes e estáveis é um forte motivador do comportamento humano, além dos relacionamentos os julgamentos morais se tornam mais complexos na vida adulta, duas experiências que impulsionam o raciocínio moral em adultos jovens são encontrar valores conflitantes longe de casa e ser responsável pelo bem-estar de outras pessoas. Portanto, a experiência do indivíduo consigo mesmo e com os outros afeta e pode leva-lo a reavaliar os seus critérios em relação ao que é certo e justo, outras pessoas têm experiências individuais que moldam suas crenças sobre o que é moralmente certo e errado (KOHLBERG, 1973 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O intercâmbio ou qualquer outro processo de mobilidade, que coloque um indivíduo em contato direto com uma cultura diferente da sua, apresentará um crescimento em sua formação cultural. Segundo Guimarães e Olivia (2017), uma formação que irá possibilitar a vivência e o debate sobre as diversidades culturais, tendo em vista que na atual realidade o encontro intercultural é inevitável, a experiência serve como um meio para o indivíduo construir novas relações, conviver com as diferenças faz parte do cotidiano, ou seja, observa-se que a partir do intercâmbio a possibilidade de uma mudança da visão de mundo, e que esse indivíduo possa vir a enxergar diferentes soluções para a região em que vive.

2.4. DESENVOLVIMENTO PESSOAL POR MEIO DO INTERCÂMBIO

A convivência com pessoas de um país diferente, com outros costumes diferentes dos seus, permite ao participante a absorção da cultura do país de destino e a exposição de sua própria cultura e costumes, uma troca que acontece através da relação com os nativos da região e com os colegas com os quais estuda, que também trazem consigo a sua cultura (PEREIRA, 2017).

Viagens de todos os tipos “auxiliam a relativizar as verdades culturais e a desenvolver o autoconhecimento e a tolerância ao outro” (FREITAS, 2009, p. 101). A convivência com a diversidade plural gera a necessidade de uma melhor compreensão e relação com o outro, de resolver problemas e criar novas oportunidades juntos, o contato com a diferença favorece a mobilidade interna e externa dos indivíduos. Além disso este contato pode favorecer o aumento das possibilidades de compreensão entre atores sociais, como a redução de atitudes como: o racismo, xenofobias, exclusões, discriminações, fundamentalismos raciais, intolerâncias religiosas e outros.

Os valores socioculturais incidem sobre o desenvolvimento das pessoas. De acordo com a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, a diversidade cultural é um fator de desenvolvimento:

Artigo 3 – A diversidade cultural, fator de desenvolvimento. A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória (UNESCO, 2002).

A educação intercultural defende a formação de um cidadão que compreenda e respeite as diferentes culturas da sociedade, deve se atentar para os elementos culturais de cada indivíduo, ou seja, o aumento da capacidade de comunicação e interação entre pessoas de culturas diferentes, proporcionando-lhes possibilidades que favoreçam e respeitem o desenvolvimento de cada indivíduo e estimulando atitudes favoráveis à diversidade cultural, com respeito e admiração ao próximo (BLANCO, 2003).

O intercâmbio colabora para que os intercambistas melhorem suas relações pessoais e interpessoais, valorizando mais o afeto, a família e um bom relacionamento entre pessoas de culturas diferentes. A iniciativa do intercâmbio requer muita paciência, abnegação e capacidade de contornar os imprevistos, a distância de familiares e amigos; as variantes culturais, de clima, de hábitos e de valores, além da experiência de como se adaptar e se comportar diante de uma situação nova (DALMOLIN et al., 2013). O intercâmbio e a mobilidade acadêmica promovem vantagens além do aprendizado, tal como no desenvolvimento psicológico: autoconfiança, amadurecimento, independência, autonomia, capacidade de relacionar-se e, sentir-se “um cidadão do mundo”.

O intercâmbio proporciona desenvolvimento pessoal em ambiente desconhecido. Uma das dificuldades é manter o próprio bem-estar no país estrangeiro, o indivíduo desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento de sua carreira profissional e pessoal, como colocam Lima et al. (2009). Para esses autores, a mobilidade internacional amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho, conforme favorece também o amadurecimento emocional principalmente dos jovens.

Outras habilidades apontadas por Barblan (2002) e Stallivieri (2003) estão relacionadas com o entendimento mais profundo no tocante aos conflitos do mundo, uma maior compreensão de outras culturas e comunicação intercultural, como dito “sentir-se um cidadão do mundo”. Ao participar da mobilidade, o indivíduo consegue obter várias oportunidades e beneficiar-se dessa diversidade. Entretanto a mobilidade inclui oposição e conflito no que tange às diferenças, o que requer inúmeras habilidades para se adaptar e desenvolver novas competências (HILL; LYNCH; DALLEY-TRIM, 2012).

A descoberta de um novo espaço social é o reflexo de uma percepção muito pessoal da realidade. É uma aprendizagem que é ao mesmo tempo física, psicológica e psíquica. A curiosidade nesse caso é uma virtude, pois ela aumenta a acuidade, impulsiona o indivíduo a conhecer, a descobrir, a vencer a angústia, o desejo de estar lá e afrontar o que lhe escapa, aprendendo tal realidade que se constrói pela paciência, pela intuição, pela curiosidade, pela generosidade, pela humildade e pela confiança (FERNADEZ, 2002).

A autora Freitas (2009) acredita que a convivência intercultural impõe ao nosso pensamento um esforço de compreensão, a necessidade de se desembaraçar de um contexto cultural herdado. Essa convivência pode favorecer um maior autoconhecimento pessoal, um

melhor conhecimento do outro, que pode reduzir as intolerâncias nas suas diversas faces, e gerar uma humanidade mais acolhedora à sua própria diversidade, ou seja, o desenvolvimento da habilidade de lidar com as diferenças culturais e a adaptação à novas realidades.

Portanto, a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldade. As ideias propostas do Dalmolin et al. (2013) fomentam que o indivíduo ao estar sem apoio de amigos e familiares busca através de si mesmo e das relações formadas, a adaptação ao novo ambiente, muitas vezes hostil no primeiro momento.

Por fim, compreende-se que é necessário o investimento em experiências interculturais como o intercâmbio. Qualquer experiência que coloque um indivíduo em contato direto com uma cultura diferente da sua poderá proporcionar um crescimento em sua formação cultural (GUIMARÃES; OLIVIA, 2017). O capital simbólico como ferramenta para construir de novas relações, conviver com as diferenças, mudança da visão de mundo e outros benefícios, que podem ser proporcionados por essa mobilidade.

3. MÉTODO

3.1. TIPO DE PESQUISA

De acordo com Myers (1997), um método de pesquisa é uma estratégia de investigação que se movimenta a partir de pressupostos filosóficos para elaborar uma pesquisa e coletar seus dados, ou seja, uma melhor compreensão da realidade a qual se pretende investigar. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório e estudo de campo.

Segundo Chizzotti (1995, p.79),

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro está possuído de significados e relações que sujeitos concreto criam em suas ações.

Esse tipo de análise tem como objetivo obter os dados descritos sobre pessoas, lugares, processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada (GODOY, 1995, p.58 apud BRUCHEZ et al., 2015, p. 2). Os estudos qualitativos são reconhecidos por seu potencial para exploração de dados e descoberta de resultados com maior riqueza e por ser mais próximo da realidade a qual o pesquisador quer compreender (FREITAS; POZZEBON, 1998).

A pesquisa inicia-se pela fase exploratório, caracteriza-se o problema a partir de uma visão geral, ou seja, consiste em uma caracterização do problema, do objeto, dos pressupostos, das teorias e do percurso metodológico. As ideias de Gil (2000, p. 43) referem-se sobre a nomeação, ou seja, para a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis salienta-se que as pesquisas exploratórias desenvolvam, esclareçam e modifiquem conceitos e ideias com objetivo de oferecer uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.

Portanto, a pesquisa de campo exige do pesquisador um encontro mais direto, justamente para buscar as informações e coletar os dados da população pesquisada.

É preciso que o pesquisador vá para o espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações que serão documentadas (GONSALVES, 2001).

3.2. ÁREA DE REALIZAÇÃO

O cenário dessa investigação deu-se em plataformas *online*, tal como o: Google Hangout, Skype e Zoom. Para aplicação das entrevistas foi escolhida a plataforma que o participante se sentia mais confortável e com uma boa conexão. Inicialmente foi feito um contato com os participantes com objetivo de apresentar a pesquisa e a adesão ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de tirar dúvidas e agendar a aplicação dos mesmos. O tempo de realização de cada uma das entrevistas variou entre trinta minutos a uma hora.

3.3. PARTICIPANTES

O público-alvo com o qual realizamos a nossa pesquisa foi de jovens adultos “intercambistas” na faixa etária entre 18 a 30 anos de idade. O estudo contou com o total de 15 participantes, de ambos os sexos. O critério de inclusão foi: ter feito uma experiência intercultural em um país estrangeiro há no máximo 4 anos e com duração mínima de um mês. Como critério de exclusão: ter feito uma mobilidade nacional. O grupo amostral foi composto por acessibilidade.

3.4. INSTRUMENTOS

Ao propor uma pesquisa qualitativa observamos que a entrevista semiestruturada seria o instrumento mais pertinente para a coleta de dados. As entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados (DUARTE, 2004).

A entrevista é sempre troca, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, ou seja, conduzimos o outro a refletir sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. A entrevista semiestruturada pede

uma composição de roteiro com tópicos gerais seletivos e elaborados, além também de propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, proporcionando um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente (DUARTE, 2004).

A entrevista semiestruturada pede uma formulação flexível das questões. A dinâmica flui no momento em que o entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinada a “evocar ou suscitar” uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas frente aos temas evocados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos segundo a fala dos sujeitos (ALVES; SILVA, 1992, p. 64). O roteiro de entrevista encontra-se no Apêndice A.

3.5. PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

O projeto foi aprovado sob o parecer número 2.011.674 e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi enviado por e-mail e retornado pelo participante.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas junto aos participantes, um procedimento formal de se obter informações por meio da fala dos atores sociais.

Inicialmente foi feito o contato remoto via mensagem aos participantes. Ao entrarmos em contato com os participantes foi apresentada a pesquisa, os objetivos e como funcionaria toda a aplicação da entrevista. Após de esclarecidas todas as dúvidas, foi marcado o dia e o horário para aplicação da entrevista. A ferramenta para aplicação da entrevista *online* foi o Google Hangout, mas o participante poderia escolher outra plataforma de sua preferência. Foi priorizada neste caso a qualidade da conexão da chamada para ambos.

As entrevistas foram gravadas por um aplicativo no celular, mediante consentimento do participante. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para a realização da análise.

3.6. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

A partir da coleta de dados, buscou-se analisar e interpretar as informações. Para tal foram utilizadas técnicas qualitativas de análise de conteúdo.

De acordo com Campos (2004), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, na qual utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, ou seja, a busca do sentido ou sentidos de um documento. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, esta inferência recorre a indicadores quantitativos ou não.

A técnica de análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quando dos manifestos, com o objetivo de ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. De acordo com Chizzotti (2006), o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Os dados são analisados levando-se em consideração os significados atribuídos pelo seu sujeito de pesquisa. Deve-se ter um equilíbrio entre a técnica e o texto vinculado, ou seja, não deve ser tão subjetiva ao ponto de impor as suas próprias ideias ou valores. Outro ponto a ser levado em consideração na hora de interpretar os dados é o contexto social e histórica sob o qual foram produzidos (CAMPOS, 2004).

Segundo Barros e Lehfeld (2000, p.70), a análise é compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, e assegura a objetividade, a sistematização, extraindo os aspectos mais relevantes dos discursos, resultando assim em um conhecimento não linear.

Mediante tal procedimento de análise, os depoimentos dos sujeitos foram classificados em categorias e subcategorias, visando a uma análise fidedigna ao texto e posteriormente foram interpretadas à luz da teoria que embasa a pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta deste trabalho foi caracterizar o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da vivência da experiência do intercâmbio e o que impulsionou tal desenvolvimento. Buscou-se levantar como foi a experiência dos intercambistas, desde o momento em que contrataram o intercâmbio até o seu retorno da experiência internacional.

Os resultados e a discussão serão apresentados em duas partes. Na primeira será feita uma caracterização da amostra e na segunda serão apresentadas as categorias construídas a partir da análise das entrevistas semiestruturadas.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A pesquisa contou com a participação de 15 intercambistas que viveram uma experiência intercultural internacional. Dentre os entrevistados, nove são do sexo feminino e seis são do sexo masculino. Em relação à nacionalidade dos entrevistados, quatorze são brasileiros e um deles é estrangeiro, costa-ricense. Referente à época em que os entrevistados vivenciaram a experiência do intercâmbio, sete dos quinze se encontravam na faixa etária entre 18 a 21 anos, sete estavam na faixa etária entre 22 e 25, e um com 28. Quanto às profissões exercidas, há dez estudantes, dois consultores de viagens e turismo, uma desenvolvedora de negócios, um fotógrafo, um redator publicitário, uma desenvolvedora de negócios e uma que trabalha no setor de vendas, *business development representative* (BDR). As características apresentadas são mostradas no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização da amostra

Participante	Sexo	Nacionalidade	Idade na viagem	Idade atual	Profissão
P1	F	Brasileira	18	20	Estudante
P2	F	Brasileira	22	24	Desenvolvedora de negócios
P3	M	Brasileiro	23	25	Fotógrafo
P4	M	Brasileiro	23	25	Estudante
P5	F	Brasileira	24	26	Consultora de viagens e turismo
P6	M	Brasileiro	20	22	Estudante
P7	M	Brasileiro	18	21	Redator publicitário
P8	F	Brasileira	22	24	Estudante
P9	F	Brasileira	18	20	Estudante
P10	F	Brasileira	18	20	Estudante
P11	F	Brasileira	24	26	Estudante
P12	F	Brasileira	19	21	Estudante
P13	F	Brasileira	25	29	Business Development Representative
P14	M	Costa-ricense	18	20	Estudante
P15	M	Brasileiro	28	30	Consultor de viagens e turismo

Fonte – Dados da pesquisa de campo

Os dados da viagem apontam vários intercambistas vivenciaram a experiência no país da Colômbia na cidade de Bucaramanga. Quanto ao período da viagem quatorze dos entrevistados estiveram entre o período de um a três meses, e dois o período de oito meses a um ano. Quando perguntados se já haviam tido uma experiência intercultural internacional, a grande parte dos intercambistas responderam que não. Em relação ao idioma antes da viagem, sete dos entrevistados não tinham conhecimento sobre a língua, sete um conhecimento básico sobre a língua e um tinha como língua nativa. As características mencionadas são descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização da amostra – Dados da viagem

Participante	País / Cidade visitada	Período da viagem	Primeira experiência	Idioma antes da viagem
P1	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nada
P2	Argentina / Cordoba (2016) Colômbia / Bucaramanga (2020)	1 mês e meio 1 mês e meio		Básico
P3	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Básico
P4	Colômbia / Bucaramanga (2018) México / Toluca / Cidade do México (2019)	1 mês e meio 8 meses		Básico
P5	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nada
P6	Colômbia / Bucaramanga	2 meses	Não	Básico
P7	Canadá / Vancouver e Toronto	3 meses	Não	Básico
P8	Romênia / Iasi	3 meses	Não	Básico
P9	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nada
P10	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Básico
P11	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nada
P12	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nada
P13	Canadá / Toronto	1 mês	Não	Nada
P14	Colômbia / Bucaramanga	1 mês e meio	Não	Nativa
P15	Irlanda / Dublin	1 ano	Não	Nada

Fonte – Dados da pesquisa de campo

4.2. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

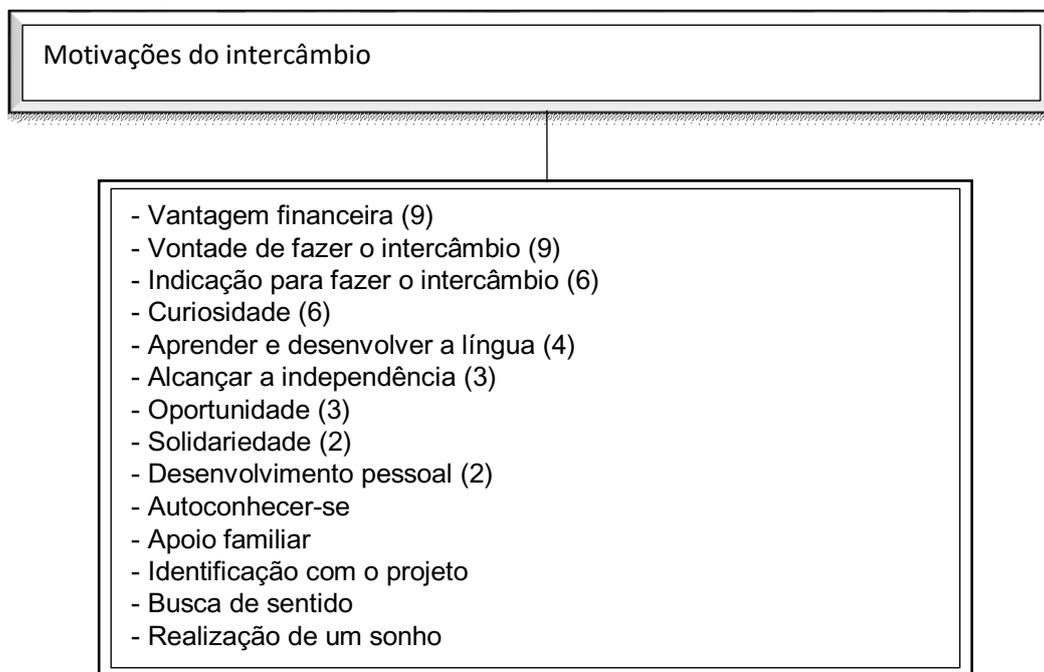
A entrevista semiestruturada aplicada continha um roteiro com 14 perguntas abertas. Para fazer a análise de conteúdo da Entrevista semiestruturada, primeiramente foi realizada a pré-análise dos dados. Nesta etapa há uma sistematização da entrevista e das falas correspondentes, buscando assim, descrever os conteúdos e os sentidos das mensagens. A segunda etapa a categorização dos dados, sistematizamos os elementos em seis categorias temáticas. A categoria 1 recebeu o nome **Motivações do intercâmbio**; a categoria 2, **Cultura e primeiras impressões**; a categoria 3, **Sentimentos vividos pelo indivíduo**; a categoria 4, **Relacionamentos**; a categoria 5, **Desafios e formas de enfrentamento**; e a

categoria 6, **Desenvolvimento pessoal**. A seguir, serão feitas a apresentação e a discussão dos dados categorizados.

4.2.1. Categoria 1: motivações do intercâmbio

A categoria Motivações do intercâmbio caracteriza as motivações que levaram o intercambista a querer fazer o intercâmbio, os elementos que compõem estão apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Categoria 1: Motivações do intercâmbio



Fonte - Dados da pesquisa de campo

Os elementos centrais dentro dessa categoria foram: **vantagem financeira, vontade de fazer o intercâmbio, indicação para fazer o intercâmbio, curiosidade, aprender e desenvolver a língua, alcançar a independência, oportunidade, solidariedade, desenvolvimento pessoal, autoconhecer-se, apoio familiar, identificação com o projeto, busca de sentido e realização de um sonho.**

De acordo com os elementos centrais destacados, a busca e a motivação para fazer o intercâmbio é intrínseca, mas as indicações e o apoio de familiares e amigos também motivaram essa escolha.

Os elementos **vontade de fazer o intercâmbio, realização de um sonho e busca de sentido** relacionam-se com o conceito de mobilidade. A mobilidade se relaciona com as ideias propostas por Freitas (2009), vista como a capacidade a disposição e desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente e de interagir com diferenças em relação à sua cultura, de um grupo social a outro, ao seu cargo e aos seus saberes. Conseqüentemente, a mobilidade precisa ser um desejo, uma vontade, um projeto de mudar sempre, de buscar o novo sempre e de se conhecer sempre.

Esta proposta trazida por Freitas (2009) pode ser confirmada nas falas de alguns intercambistas:

“Eu escolhi ir para a Colômbia por isso, mas também porque **eu estava com muita vontade de conhecer a Colômbia, eu me sentia bastante atraído pela cultura, eu escolhi um projeto que era para trabalhar com as crianças ensinando línguas estrangeiras**, eu acho que eu escolhi esse projeto por duas razões principais, eu gosto muito de aprender línguas e eu gosto de crianças” (P14).

“Eu tinha me desligado da empresa que eu trabalhava, **eu estava no Brasil sem nenhuma perspectiva, e fui realizar um sonho** (P15).

Um dos outros fatores motivacionais é a **curiosidade**. As concepções levantadas por Fernandez (2002), descrevem a curiosidade como sendo uma virtude, pois ela impulsiona o indivíduo a querer conhecer, descobrir, vencer a angústia, o desejo de estar lá e afrontar o que lhe escapa, aprendendo e desenvolvendo com tal realidade. As concepções podem ser evidenciadas quando os intercambistas relatam:

“O segundo intercâmbio foi para o México, Toluca, assim que eu voltei da Colômbia eu entrei para a organização que eu fiz o intercâmbio, a AISEC, e aí quando eu entrei estava em promoção o intercâmbio, e eu só fechei, **o país eu já estava decidido que eu queria ir para o México, era uma país que eu já queria conhecer e já tinha amigos no México** e aí a cidade em si foi mais por ter cooperação com a AISEC” (P4).

“**Eu senti muita curiosidade de conhecer o Canadá**, é um país que todo mundo fala muito aqui no Brasil, então **eu queria saber qual que era a realidade de verdade do país**” (P7).

A **vantagem financeira** e **oportunidade** são motivações que estimulam o investimento na experiência intercultural, o investimento em si mesmo e em seu próprio desenvolvimento, vendo dessa maneira como um capital simbólico. Podemos fazer analogias com as concepções de Freitas (2009), quando relata que não é apenas o dinheiro que conta na vida, o capital cultural, social, mobilidade e outros são ambos recursos simbólicos tão úteis quanto o capital econômico representado pelos bens financeiros e patrimoniais. Tais elementos podem ser visualizados pelas falas a seguir:

“Tudo começou quando eu havia visto um anúncio de um sorteio de intercâmbio e eu decidi participar, e aí eu não consegui ganhar, mas a pessoa entrou em contato comigo quando foi a “Black Friday” e a taxa estava com 60% de desconto do intercâmbio” (P1).

“A escolha pela AISEC foi só porque foi o mais **barato** que eu encontrei, **estava tendo uma promoção e eu tive a oportunidade de ir**, eu aproveitei para ir” (P3).

Podemos observar que a mobilidade, a vontade do intercambista de viver uma experiência intercultural relacionou-se com as oportunidades de conseguir realizar a experiência por meio das promoções que estavam disponíveis.

Entre as inúmeras metas destes programas como constatamos por Dalmolin et al. (2013), destaca-se a necessidade de investir no próprio desenvolvimento pessoal, e uma das metas apresentadas seria aprender, aprimorar e/ou conhecer as variantes linguísticas de um novo idioma. Os elementos **aprender a desenvolver a língua, alcançar independência, desenvolvimento pessoal e autoconhecer-se** convergem com as ideias do autor com as seguintes falas:

“Eu escolhi o primeiro intercâmbio porque era **uma oportunidade de aprender o espanhol e de conseguir fazer uma ajuda humanitária** como eu estava pensando também (P3).

“O primeiro intercâmbio que eu fiz para Bucaramanga, eu já estava com essa ideia de viajar e tudo mais, **viajar sozinho, viajar para um outro país que fosse de língua espanhola porque eu queria praticar** (P4).

“Eu fui realmente **para ter um tempo para mim e para mim descobrir, e além de querer crescer como pessoa, também ajudar**” (P5).

“Uma das razões pelas quais eu queria fazer o intercâmbio para ser mais **independente**” (P12).

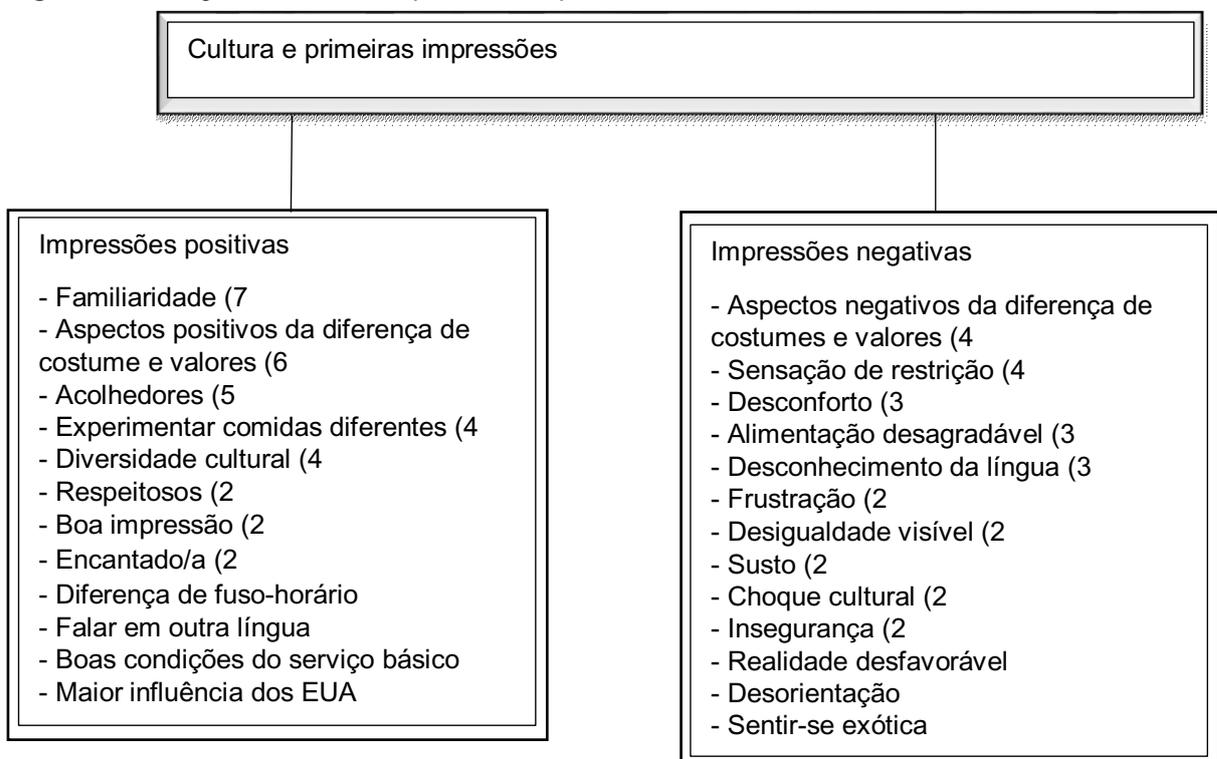
Sobre a necessidade de investir no próprio desenvolvimento pessoal, as pesquisas realizadas por Papalia e Feldman (2013) esclarecem melhor a meta **alcançar a independência e autoconhecer-se**. Segundo os autores, início da vida adulta é um momento da vida de descoberta, é um tempo de experimentação antes de assumir os papéis e as responsabilidades. Esta fase é marcada por uma série de indicadores internos tais como: o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal.

O intercâmbio é um investimento alto sem garantia de retorno, podendo ou não promover mudanças na vida do intercambista. Portanto, o indivíduo que mostrar-se aberto às novas experiências tanto pessoais quanto profissionais, desenvolverá e irá se construir, reconstruir enquanto pessoa. Assim como as motivações são diferentes para cada um, o desenvolvimento alcançado pela experiência intercultural também será único para cada um dos intercambistas, e ao longo da análise de dados iremos discutir sobre isso. A seguinte categoria analisada será a Cultura e as primeiras impressões.

4.2.2. Categoria 2: cultura e primeiras impressões

A categoria Cultura e primeiras impressões retrata as primeiras impressões, pensamentos e sentimentos do intercambista a respeito da cultura do país/cidade visitado. Dividimos esta categoria em duas subcategorias, impressões positivas e impressões negativas para uma melhor. Os elementos categorizados estão inseridos na Figura 2.

Figura 2 – Categoria 2: Cultura e primeiras impressões



Fonte – Dados da pesquisa de campo

Os elementos centrais da primeira subcategoria impressões positivas foram: **familiaridade, aspectos positivos da diferença de costumes e valores, acolhedores, experimentar comidas diferentes, diversidade cultural**. Alguns dos elementos centrais da segunda subcategoria impressões negativas foram: **aspectos negativos da diferença de costumes e valores, sensação de restrição, desconforto, alimentação desagradável e desconhecimento da língua**.

Vivenciar e conhecer outras culturas pode ser algo transformador para o indivíduo, mas adiante discutiremos essas transformações e desenvolvimentos. No momento, queremos destacar a cultura e as primeiras impressões dos intercambistas.

O primeiro contato dos intercambistas com as variantes culturais, de clima, de hábitos e de valores são destacados pelos os elementos centrais **familiaridade, acolhedores, sensação de restrição, desconforto e desconhecimento da língua**. As falas a seguir ilustram bem esses momentos de desconforto e conforto:

“O meu primeiro contato foi quando eu cheguei no aeroporto... foi uma confusão, foi um pouco intenso, mas umas pessoas depois de muito esforço entenderam que eu precisava de dados de internet e aí eles pareciam bem acolhedores, acho que por ser um país da América Latina facilita um pouco apesar de ter línguas diferentes e tudo, porque eles não são muito ríspidos nem nada assim” (P1).

“A minha primeira reação quando eu cheguei na Colômbia foi muito parecida com a que eu sinto aqui no Brasil, todo mundo é muito aberto, muito receptivo e acolhedor, eles te levam para sair, conhecer a família, os eventos que eles fazem e tudo mais, não foi muito um choque de realidade, porque tipo eu cheguei lá e era uma coisa parecida com o que eu vivia” (P3).

“Eu cheguei e já queria comemorar, e aí eu fui em uma balada bem tradicional, e como eu já tinha pesquisado sobre a questão da vestimenta e tudo, eu não levei nenhum short porque as pessoas lá eram muito mais sexistas do que aqui” (P10).

Observamos que o primeiro contato para alguns dos intercambistas foi positivo e para outros nem tanto, por isso dividimos em duas subcategorias, justamente para deixar mais explícito.

Além desse primeiro contato, os elementos **aspectos positivos e negativos da diferença de costumes e valores** também elucidam isso. Estas ideias se relacionam com as contribuições feitas por Pereira (2017), que dizem que a convivência com pessoas de um país diferente, sejam com os nativos ou com os colegas e outros intercambistas, permite aos participantes a exposição de sua própria cultura e absorção de outras culturas e novos costumes. Esta troca pode acontecer de maneira positiva ou de maneira negativa. A seguir veremos falas que ilustram as ideias identificadas:

“A cultura deles... eles são muito conservadores e todos eles são muito religiosos, você anda na rua você não vê uma menina com uma roupa acima do joelho o que para mim é muito normal, então por exemplo das roupas que eu tinha levado eu consegui usar umas quatro roupas para trabalhar por causa dessa coisa, as roupas não eram indecentes só que para eles eram, por que eles são conservadores, essa parte foi um pouco intensa” (P1).

“No México, eu acho que com a questão de cultura foi bem impactante para mim de como eles preservam os antepassados deles, então eu fiquei bem impactado com isso e achei bem daora porque eles tem uma cultura milenar, com questão de construção de pirâmides e de comida, eles comem as mesmas coisas e tem muito orgulho disso, bebida também e a forma de fazer, eu achei muito daora como eles preservam seus antepassados coisa que eu não vivia muito na minha vida, então eu achei isso muito interessante, eu acho que foi meu maior choque de cultural foi isso” (P4).

Seguindo a mesma analogia proposta acima por Pereira (2017), a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos. Os elementos **experimentar comidas diferentes e alimentação desagradável** são esclarecidos pelas seguintes falas:

“A alimentação na Colômbia foi bem difícil porque é uma alimentação que é muito a base de batata e ovo e você cansa muito rápido do menu lá, eu não tinha aquele prazer de comer com aquela satisfação, acho que eles não têm os hábitos de uso de tempero como a gente tem... alguns pratos me surpreenderam muito positivamente” (P2).

“Eles têm uma cultura muito interessante, com a gastronomia, a cerveja, é muito interessante e eu fiquei muito encantado com a cultura deles” (P15).

O intercâmbio, como vimos, pode ser entendido como uma forma de trocar informações, crenças e culturas. A **diversidade cultural** possibilita o enriquecimento cultural, pessoal e profissional como veremos adiante. Este elemento central associa-se com a pesquisa de Guimarães e Oliveira (2017), que afirmam que a formação cultural acontece pelo contato direto com as diversidades culturais através do intercâmbio ou qualquer outro processo de mobilidade. Os dados podem ser compreendidos pelas seguintes perspectivas:

“O Canadá é um país que é muito difícil você ver um canadense, é um país muito multicultural, então eu não senti muito isso” (P10).

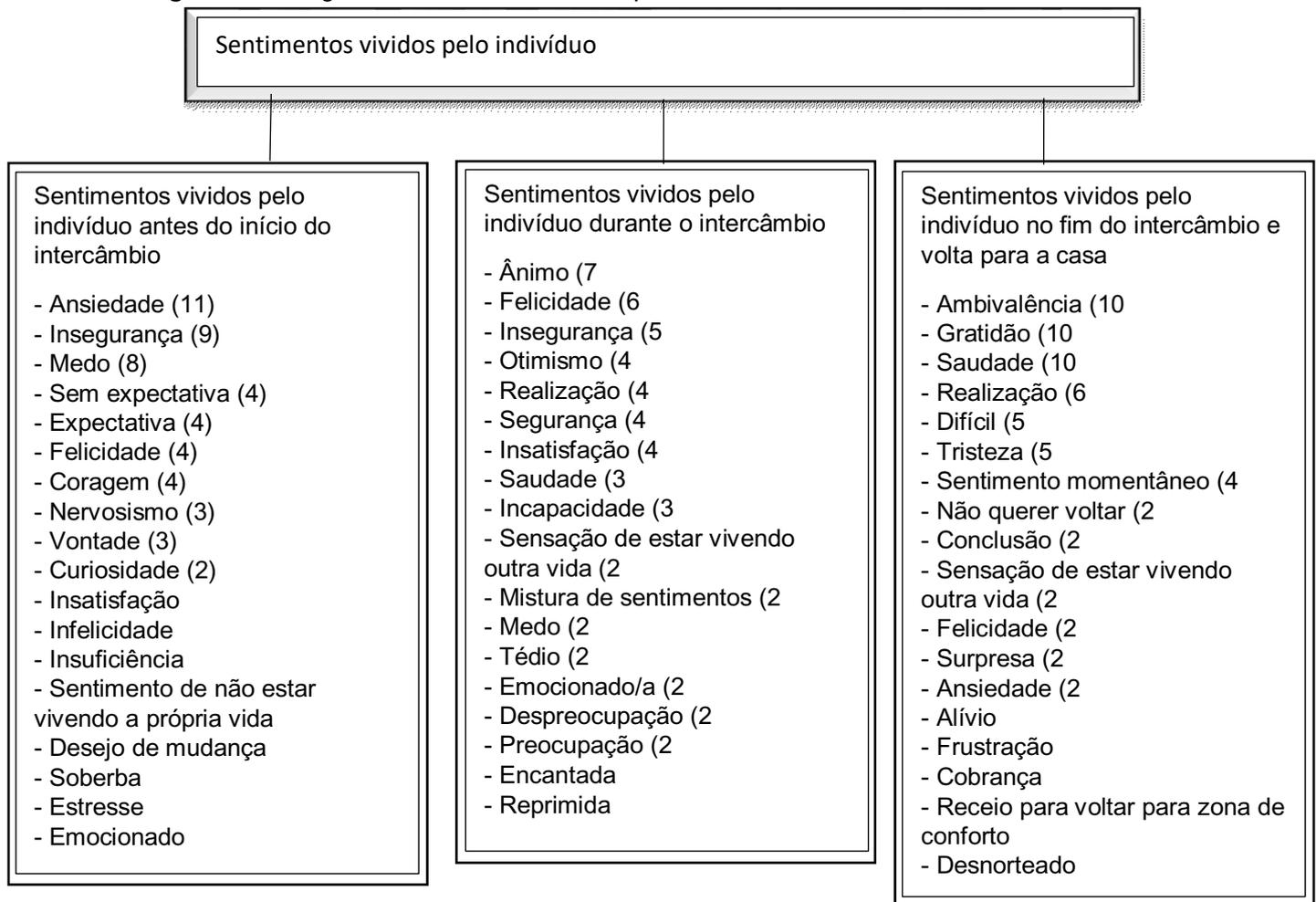
“A primeira impressão foi ótima, eu fiquei encantada com outras culturas, tudo que eles falavam era interessante para mim, eu sempre queria estar junto com uma pessoa de outra país para poder ter o contato com outra cultura” (P13).

Observa-se nesta categoria uma ambiguidade em relação à vivência da experiência, pois os **aspectos positivos e negativos da diferença de costumes e valores** evidenciam isso. Mas as trocas de costumes, valores e hábitos que o intercambista teve com o contato com diversas outras culturas proporcionaram para o indivíduo novos conhecimentos e um desenvolvimento. A próxima análise será sobre os sentimentos vividos pelo indivíduo.

4.2.3. Categoria 3: sentimentos vividos pelo indivíduo

A categoria Sentimentos vividos pelo indivíduo descreve os sentimentos experimentados pelo intercambista e subdividiu-se em três subcategorias: a primeira, os sentimentos vividos antes do início do intercâmbio, a segunda, os sentidos vividos durante o intercâmbio e a terceira, os sentimentos vividos no fim do intercâmbio e volta para a casa. Os elementos categorizados estão inseridos na Figura 3.

Figura 3 – Categoria 3: Sentimentos vividos pelo indivíduo.



Fonte – Dados da pesquisa de campo

Os elementos centrais da primeira subcategoria sentimentos vividos pelo indivíduo antes do início do intercâmbio foram: **ansiedade, insegurança, medo, sem expectativa, expectativa, coragem, felicidade**. Os elementos centrais da segunda subcategoria sentimentos vividos pelo indivíduo durante o intercâmbio foram: **ânimo, felicidade, insegurança, otimismo, realização, segurança, insatisfação,**

saudade. Por fim, alguns dos elementos centrais da terceira subcategoria sentimentos vividos pelo indivíduo no fim do intercâmbio e volta para casa foram: **ambivalência, gratidão, saudade, realização, difícil, tristeza, sentimento momentâneo**.

Vimos anteriormente o conceito de mobilidade e as ideias propostas por Freitas (2009) dizem como sendo a capacidade, a disposição e desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente, um desejo, uma vontade, um projeto de mudar sempre e de se conhecer sempre a partir da interação. O início do intercâmbio é marcado por várias sensações, sentimentos e desejos, assim como os vividos durante o intercâmbio e no final da experiência, como veremos a seguir.

Os elementos **ansiedade, insegurança e medo** são os principais sentimentos sentidos antes da experiência do intercâmbio. Mesmo com esses sentimentos, os intercambistas também relataram **vontade e coragem** para embarcar nesta experiência. As falas a seguir demonstram esses sentimentos:

Era a primeira vez que eu ia viajar sozinho para um país que eu não conhecia ninguém, que eu não conhecia nada, **eu estava bem nervoso para ir, nervosismo, ansiedade, eu estava querendo muito ir mas também com um pouco de medo** falando “será que vai dar tudo certo, será que não vai acontecer nenhuma coisa errada?” (P3)

Então foi uma sensação muito doida porque **foi o primeiro país que eu fui, e foi a primeira viagem que eu fiz sozinha, eu não sabia falar a língua**” (P5).

“Você acaba ouvindo algumas pessoas e as pessoas por conta de crenças, ou algo do tipo, elas te atormentam mais ainda, a minha mãe dizia que eu ia morrer de fome e que alguém poderia roubar o meu dinheiro, **mas o meu sentimento particular era de entusiasmo e com medo, mas eu fui com medo mesmo**” (P15).

As falas ilustradas demonstram que mesmo diante do **medo, insegurança e ansiedade**, a **vontade** e a **coragem** foram elementos que impulsionaram o intercambista para fazer o intercâmbio.

Alguns dos intercambistas relataram ter uma expectativa. Em contrapartida outros intercambistas disseram estar **sem expectativa** para com a experiência do intercâmbio. Esses elementos serão ilustrados pelas seguintes falas:

“Eu fui com a cabeça totalmente sem expectativas de como ia ser lá, eu estava pensando em viver, conhecer e eu não conseguia nem imaginar como ela poderia ser” (P2).

“Eu lembro que quando eu entrei no avião e saí daqui de Maceió, e o avião decolou, eu pensei comigo, dá próxima vez que eu pisar aqui de novo eu não vou ser a mesma pessoa, e eu estou disposta a não ser a mesma pessoa” (P5).

“Eu não tinha expectativa na verdade, eu pensava como seria, mas só aguardava mesmo” (P6).

“Eu fiz uma planilha, desenhei um mapa para onde eu tinha que ir, eu anotei o nome de restaurantes, número de hostel e de todos os contatos de emergência, eu planejei todos os detalhes e acabou que eu não fiz quase nada do que eu tinha escrito, porém isso me acalma, planejar para eu achar que eu tenho um controle sobre alguma coisa” (P9).

Após o início do intercâmbio, os intercambistas relataram como eles se sentiam depois de alguns dias/semanas no país. Os elementos **ânimo, felicidade, otimismo e realização** foram os principais sentimentos sentidos durante o intercâmbio. Elucidemos com as falas dos intercambistas:

“No geral no intercâmbio inteiro foi o mesmo sentimento de felicidade de estar lá, de conhecer gente nova e de curtir com a galera” (P3).

“Foi um sentimento de que eu estava vivendo tudo novo, um sentimento de que estava valendo muito apenas aquilo dali porque todo dia era uma experiência nova, todo dia era uma coisa nova que eu estava vivendo e que eu nunca tinha vivido antes, ou seja, tudo que eu fazia lá era novo para mim, as mínimas coisas, as mínimas ações, se eu saísse para comprar um pão já era uma coisa diferente” (P6).

“Eu acho que foi a época mais feliz da minha vida, sinceramente eu me senti muito bem e eu estava sentindo que eu estava evoluindo, superando desafios, conhecendo novas pessoas, ajudando outras pessoas, eu acho que eu não seria a pessoa que eu sou hoje se eu não tivesse passado por essa experiência, então foi muito especial para mim” (P9).

Observa-se que os intercambistas já conseguem perceber uma evolução/desenvolvimento com o passar de alguns dias da experiência. Relatam também um sentimento de estar vivendo tudo novo, uma **sensação de estar vivendo outra vida** como um dos participantes comenta:

“É um sentimento de muita saudade em certo ponto, é um sentimento de querer aproveitar, é uma vida a mais que você tem durante a vida porque ela vai acabar, mas você sabe e você aproveita o máximo que você consegue, você tira o máximo de proveito” (P7).

Há sentimentos adversos, como **incapacidade, insegurança e segurança**, a vivência da experiência também faz o indivíduo passar por momento difíceis e de desafios, tal como comenta o intercambista:

“Na Irlanda é quase 90% do tempo nublado, então você quer voltar, o sentimento seu é de incapacidade e de querer ir embora, tinha dia que eu levantava e falava “eu vou embora hoje, não, pera aí deixa eu tentar porque eu tenho mais um dia pela frente”, então a partir do momento que eu comecei a trabalhar, eu comecei a ganhar grana e que eu comecei a passear, e comecei a ter as minhas coisas lá, você fala “não pera aí, eu acho que eu consigo suportar sim”. Você mata a saudade por whatsapp, por mensagem, por voz, mas assim é meio que incerto, você acorda um dia e você fala “eu vou ficar”, e no outro dia você acorda e fala “não, eu quero ir embora”, então vai muito de pessoa, eu penso que quanto mais ocupada a cabeça menos vontade de voltar para o Brasil eu tinha” (P15).

Verifica-se que o sentimento de **saudade** começa com o passar dos dias do intercâmbio, e salienta-se à medida que vai chegando ao fim do intercâmbio. A volta para a casa e para o país de origem é um momento intenso para o intercambista. As falas a seguir ilustram esse sentimento:

“A saudade que eu estava de casa era muito maior do que o nervosismo de deixar a Colômbia, eu já estava querendo voltar e já tinha aproveitando bastante” (P10).

“Em Dublin foi muito dolorido porque o meu desejo era justamente ficar mais um pouco, tanto é que eu tinha mais uma renovação, mas aí eu pensando na minha família e eu pensando no meu filho, pensando em não perder muito tempo da vida longe deles, eu tive que tomar essa decisão de regresso, mas tem uns dias que bate um arrependimento” (P15).

Este momento de regresso para casa é marcado por uma **ambivalência**. Alguns dos intercambistas relataram querer voltar para a casa, mas não querer ir

embora. Isto é marcado por um sentimento de felicidade e de tristeza ao mesmo tempo, como podemos ver a seguir:

“Mas por um outro lado foi um sentimento de ter vivido um sonho, por um lado eu estava triste, mas por outro lado eu estava feliz porque eu estava voltando para a minha casa, ver a minha família, voltar ao meu trabalho, voltar a minha rotina, eu estava com dois sentimentos, o sentimento de “poxa acabou a minha viagem, o meu sonho, já passou tão rápido porque que acabou?”, e outro sentimento de “legal, eu vou voltar a ver a minha família, eu vou voltar para a minha rotina”, então era um mix de dois sentimento” (P13).

Os sentimentos de **gratidão** e **realização** também são marcantes no final do intercâmbio, o reconhecimento dos benefícios recebidos, amizades feitas, desenvolvimento pessoal, enfrentar e superar desafios e outros aspectos fizeram a experiência ser única para os intercambistas, o que pode ser visto pelas falas:

“...eu tinha uma bagagem imensa lá que era principalmente as pessoas, e que eu ia levar para casa e que eu não estava perdendo nada, voltar para casa não queria dizer que eu ia perder meus amigos, o contato com a ONG e com as pessoas da AISEC, era hora de ir para casa, e acho que foi uma forma de mentalizar na minha cabeça muito boa” (P2).

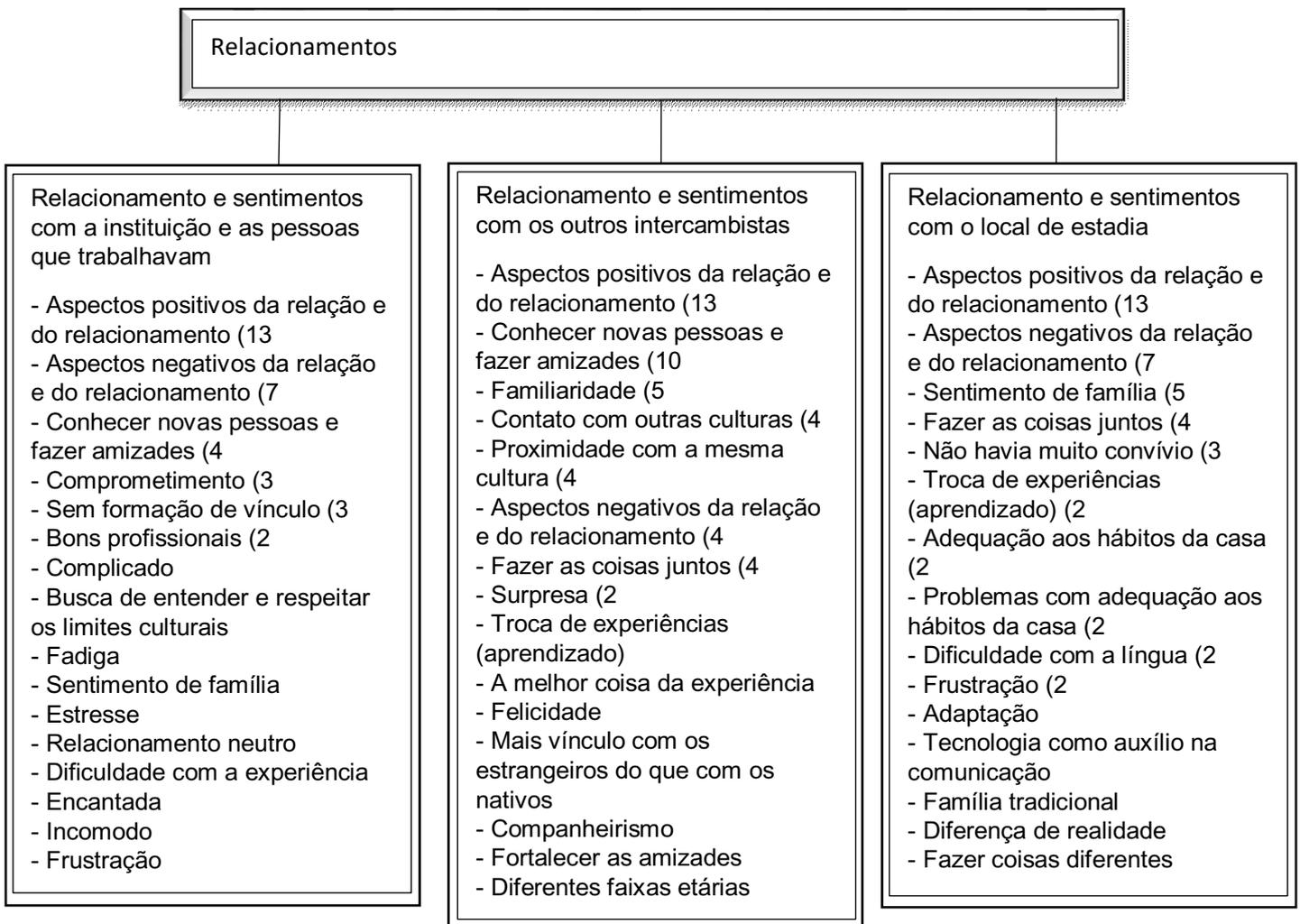
“Quando eu estava voltando eu parei em um visual incrível que dava para ver a cidade inteira, ali eu estava com o coração surreal de gratidão, pensando “meu deus que incrível ter vivido tudo isso”, sério eu não consigo expressar em palavras, é gratidão ao extremo” (P5).

Portanto, percebemos nesta categoria alguns dos sentimentos vividos com a experiência do intercâmbio, desde o seu preparo e início do intercâmbio até o momento de voltar para a casa e reencontrar a família e os amigos. Os sentimentos não são apenas positivos como podemos ver. A experiência do intercâmbio também tem os seus momentos de dificuldade que exigem do intercambista paciência e abdicção. Os sentimentos vividos e os ganhos ocasionados pelo intercâmbio serão discutidos com a teoria na categoria desenvolvimento pessoal (Categoria 7). Veremos na próxima categoria os relacionamentos e a sua grande relevância.

4.2.4. Categoria 4: relacionamentos

A categoria Relacionamentos corresponde às relações e aos sentimentos vividos pelo intercambista durante a experiência, subdividimos em três subcategorias para uma melhor compreensão das relações: o relacionamento e sentimentos com a instituição e as pessoas que trabalhavam; o relacionamento e sentimentos com os outros intercambistas; e o relacionamento e sentimentos com o local de estadia. Os elementos categorizados estão inseridos na Figura 4.

Figura 4 – Categoria 4: Relacionamentos



Fonte – Dados da pesquisa de campo

Alguns dos elementos centrais da primeira subcategoria relacionamento e sentimentos com a instituição e as pessoas que trabalhavam foram: **aspectos positivos/negativos da relação e do relacionamento, conhecer novas pessoas e fazer amizades e comprometimento**. Sobre a segunda subcategoria relacionamento e sentimentos com os outros intercambistas alguns dos elementos centrais foram: **aspectos positivos da relação e do relacionamento, conhecer novas pessoas e fazer amizades, familiaridade, contato com outras culturas e proximidade com a mesma cultura**. Por fim, a terceira subcategoria relacionamento e sentimentos com o local de estadia, destaca-se alguns dos elementos centrais: **aspectos positivos/negativos da relação e do relacionamento, sentimento de família e fazer as coisas juntos**.

Como vimos pelas ideias propostas por Cohen (2004 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013), o desenvolvimento dos relacionamentos íntimos é de extrema importância para o período adulto jovem, além de serem vitais para a saúde e bem-estar dos mesmos, e isto não se diferencia da experiência do intercâmbio. Podemos ver em todos os relacionamentos que o intercambista teve durante a experiência do intercâmbio os elementos **aspectos positivos/negativos da relação e do relacionamento**. Para melhor ilustração será especificado nas falas a seguir:

“Essa parte é complicada, é porque a fundação era bem desorganizada então **com os donos da fundação a gente teve alguns problemas, eu e todo mundo que trabalhava lá comigo, porque como era desorganizado as vezes a gente ia em um dia que não ia ter e ninguém avisava nada para gente**” (P3).

“A minha relação com as pessoas do primeiro intercâmbio foi bem tranquila com as pessoas que eu trabalhava, **a gente acabou criando uma relação de amizade muito grande e até hoje a gente se fala, a gente conseguiu se dar muito bem no projeto, era bem divertido todo dia a gente estava junto e ia junto**” (P4).

O relacionamento com a instituição e as pessoas que trabalhavam na instituição é **negativo** quando os intercambistas relatam uma desorganização e uma falta na comunicação e interação. Em outros casos é presente em alguns discursos colegas que não querem ajudar, desrespeito e falta de seriedade. Por outro lado, é

visto como **positivo** quando os intercambistas dizem sentir um apoio dos colegas, uma boa assistência e comunicação.

As seguintes falas elucidam os elementos **aspectos positivos/negativos da relação e do relacionamento** com os outros intercambistas:

“Eu me senti bastante acolhida pelos amigos que eu fiz lá, as pessoas da AISEC que apesar de serem bagunçadas e cometerem vários erros eram legais, eu me sentia feliz em estar lá e me sentia segura parcialmente por ter pessoas que eram legais do meu lado” (P1).

“...a gente conseguiu viver ao máximo a experiência num grupo imenso de intercambista todos juntos o tempo inteiro incessantemente, e com pequenas discussões, mas muitos felizes, eu acho que isso fez dar certo” (P2).

Na primeira fala observamos um sentimento de acolhimento, felicidade e amparo para com os outros intercambistas, além disso, alguns dos outros pontos **positivos** seria a identificação, estima e apoio. A segunda fala, os aspectos **negativos** foram poucos em comparação aos aspectos negativos, sendo que destacam-se algumas brigas, discussões e confusões.

As próximas falas apresentam os **aspectos positivos/negativos da relação e do relacionamento** com o local de estadia:

“Ali foi o melhor lugar que eu poderia ficar numa viagem na Colômbia, porque eu fui adotado naquela família, tanto é que eu não passei seis semanas, eu passei sete semanas porque uma semana eu passei a mais porque eles me adotaram, o tempo do intercâmbio foram seis semanas, aí uma sétima foi porque a família foi a melhor coisa o possível, a minha segunda casa no mundo é em Bucaramanga” (P3).

“Essa senhora tinha um inglês muito ruim, ela era da Itália na real e morava com seu filho, o filho falava inglês, mas ele mal ficava em casa, ela era uma pessoa bem maldosa e não oferecia um serviço muito legal, ela não falava com a gente da casa, naquela época morava eu, um japonês, um mexicano e um árabe, ela regulava bastante comida, eu lembro que as vezes de madrugada ela diminuía o aquecedor e a gente acordava de madrugada com frio, era uma coisa bem frustrante” (P7).

O bom relacionamento, acolhimento e formação de vínculo são aspectos **positivos** visto na primeira fala, o respeito, a boa comunicação e interação e o bom relacionamento com o colega de quarto são alguns dos outros aspectos positivos da relação. O segundo intercambista relata problemas com a moradia, uma falta de comunicação e interação e um sentimento de frustração, caracterizando os aspectos **negativos** da relação com a estadia, outros aspectos seriam, péssima localização, sentimento de abandono e estrutura de estadia desfavorável.

Sobre o relacionamento com os outros intercambistas, um dos elementos centrais é **conhecer novas pessoas e fazer** amizades. Há um paralelo deste elemento com as opiniões de Cohen (2004 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013), na qual verifica que há pelo menos dois aspectos inter-relacionados do ambiente social que podem promover a saúde: a integração social, que seria o envolvimento ativo em diversos relacionamentos, e o segundo seria o apoio social, que tem como objetivo a busca de ajuda para lidar com o estresse e outras questões pessoais. A fala a seguir ilustra bem esses dois aspectos:

“Na Argentina eu cheguei querendo conhecer os outros intercambistas e querendo me enturmar, e depois de uns cinco dias eu já me sentia super envolvida e engajada com todo mundo de uma forma muito intensa, porque está **todo mundo no mesmo barco em um país distante, então as pessoas fazem laços e elas se identificam ou elas percebem que não tem nada haver muito rápido, eu consegui fazer meus amigos e a gente se engajou muito como se a gente já conhecesse a cidade há muitos anos, morasse lá há muitos anos, parecia que eram meus amigos há muitos anos**” (P2).

Ainda falando sobre o relacionamento com os intercambistas os elementos **familiaridade, fazer as coisas juntos** e outros **aspectos positivos** como vimos anteriormente relacionam com as ideias propostas por Kohlberg (1973 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013), que diz que as experiências que impulsionam o raciocínio moral em adultos jovens são proporcionadas ao encontrar valores conflitantes longe de casa e ser responsável pelo bem-estar de outras pessoas. A fala do intercambista ilustra este momento:

“A gente criou um vínculo muito grande de amizade mesmo, de uma família porque todos estavam lá sem a sua família e os seus amigos de fato, então nós só tínhamos uns aos outros e a gente acabou criando uma relação extremamente de amizade mesmo, até hoje a gente continua se falando, alguns já viajaram para ver os outros, fizemos algumas viagens juntas já” (P6).

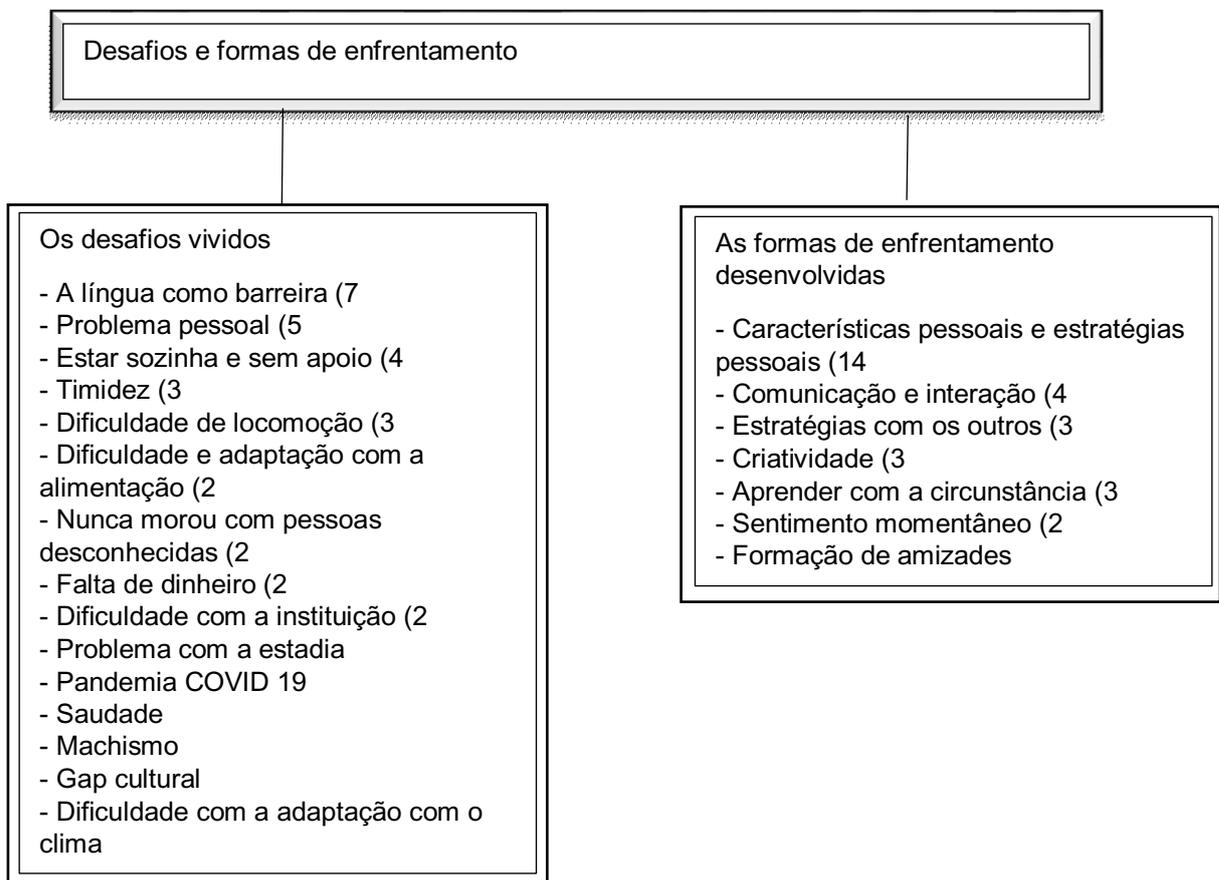
A necessidade de entender, interagir e integrar pessoas, grupos, organizações e nações diferentes, as pesquisas de Guimarães e Oliveira (2017) relatam que acabam sendo uma mudança interior do intercambista. A importância de uma vivência dessas contribui para o desenvolvimento do próprio indivíduo, principalmente para os jovens adultos que já se encontram em um período de desenvolvimento e maturidade.

Percebemos então que a experiência do indivíduo consigo mesmo e com os outros afeta tanto a si quanto aos outros. Os sentimentos e os aspectos apresentados demonstram isso. Além disso, os relacionamentos podem fazer com que o indivíduo possa reavaliar os seus próprios critérios. Em seguida discutiremos sobre as categorias desafios e suas formas de enfrentamento.

4.2.5. Categoria 5: desafios e formas de enfrentamento

A categoria Desafios e formas de enfrentamento representa os desafios, dificuldades, problemas, conflitos que o intercambista passou durante a experiência do intercâmbio, conseqüentemente as formas de enfrentamento desenvolvido para lidar com esses desafios. Dividimos em duas subcategorias para enxergar de maneira mais clara cada um dos itens: o primeiro, os desafios vividos, o segundo, as formas de enfrentamento e os sentimentos relacionados. Os elementos categorizados estão inseridos na Figura 5.

Figura 5 – Categoria 5: Desafios e formas de enfrentamento



Fonte – Dados da pesquisa de campo

Alguns dos elementos centrais da primeira subcategoria desafios vividos foram: **a língua como barreira, problema pessoal, estar sozinha e sem apoio, timidez, dificuldade de locomoção, dificuldade e adaptação com a alimentação**. A segunda subcategoria as formas de enfrentamento desenvolvidas têm como alguns

centrais: **características pessoais e estratégia, comunicação e interação, estratégias com os outros e criatividade.**

A iniciativa do intercâmbio requer muita paciência, abnegação e capacidade de contornar os imprevistos. Os elementos **problema pessoal, dificuldade de locomoção e estar sozinho e sem apoio** relacionam com os estudos de Dalmonin et al. (2013), que afirmam que a distância de familiares e amigos, as variantes culturais, de clima, de hábitos e de valores, além da experiência de como se adaptar e se comportar diante de uma situação nova são desafios a serem enfrentados. Os resultados confirmam o achado:

“Eu acho que os maiores desafios foram enfrentados na casa que eu estava, porque primeiro **eu nunca tinha morado sozinha, e eu nunca tive que lidar com essa organização de viver em uma casa com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, e com recursos limitados**” (P1).

“**Uma dificuldade foi aprender a pegar ônibus** porque eu não sou boa de me localizar em lugar nenhum, então imagina numa cidade que eu não conheço, mas acho que a minha mente estava em um lugar tão legal e tão bom que era difícil me abalar, era muito difícil mesmo” (P2).

“**O desafio grande foi ficar longe da família, ainda mais numa data e período de festas, foi o meu primeiro natal e aniversário que eu passei longe dos meus familiares e amigos**, isso daí foi um pouquinho complicado principalmente quando estava chegando essas datas” (P6).

Seguindo as mesmas ideias de Dalmonin et al. (2013), o maior desafio para os intercambistas foi com a língua. O elemento **a língua como barreira** ilustra essa dificuldade. As variantes culturais linguísticas inserem-se na relação com o país visitado e com os outros intercambistas. As ideias são ilustradas pelas falas:

“**Uma coisa que mudou muito em mim nesse intercâmbio... foi o espanhol**, eu nunca gostei porque eu tinha um trauma com uma professora que eu tive, então eu tinha esse bloqueio, eu não queria aprender espanhol de nenhum jeito, **e antes de ir para lá eu via isso com um problema, porque como eu não gosto muito da língua eu não tenho tanta facilidade para aprender**” (P1).

“O meu **principal problema que eu tive lá foi o idioma**” (P3).

“**A principal dificuldade em Dublin era o idioma, eu precisava atender e eu precisava trabalhar, e eu precisava viver, mas eu não sabia falar, então o principal desafio foi esse**, eles tiveram bastante paciência comigo

e as vezes quando eu falava uma coisa errada eles me chamavam e me corrigiam para eu me aperfeiçoar, era um medo e uma dificuldade que eu tinha, mas com o tempo eu fui deixando essa dificuldade de lado” (P15).

Além disso os intercambistas relataram problemas com as variantes culturais relacionadas tanto aos hábitos quanto aos valores, ao clima e alimentação. A **dificuldade e adaptação com a alimentação, machismo e dificuldade com a adaptação do clima** demonstram esses desafios.

“Mas foi um pouco difícil na parte da comida porque eles comem muita carne e eu sou vegetariana, mas fora isso foi tudo ótimo” (P9).

“Eu colocaria a questão do machismo como o maior desafio, é porque assim na real se você for ver, é aquilo de você aprender a ser moldável, tipo ser resiliente, se eu fosse passar o intercâmbio inteiro pensando nisso eu não ia ter aproveitado tanto” (P11).

“A dificuldade era a adaptação com o clima porque você sai daqui do Brasil, o frio está a 18º graus e lá o frio está 2º graus” (P15).

Os desafios vividos são vários, os elementos **características pessoais e estratégia pessoais, criatividade e aprender com a circunstância** são algumas das formas de enfrentamento desenvolvidos pelos intercambistas. As pesquisas de Dalmonin et al. (2013) salientam que a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades para a adaptação do ambiente e enfrentamento dos desafios. Tais elementos podem ser visualizados pelas falas a seguir:

“Na ONG não tinha material nenhum, eu pensava “não tem problema a gente arruma material”, aí eu falava com minha Host porque ela era educadora infantil e pegava ideias com ela e ia me virando, eu acho que estava muito no mindset de não existir problemas, existe a situação e a gente quer desenvolver, então vai vendo aqui o que a gente pode fazer, o que a gente tem, o que a gente pode buscar de fora e para quem a gente pode pedir ajuda, na Argentina no momento que eu estava vivendo ali eu não consegui ver os problemas, porque era como se fosse um momento de êxtase e felicidade completa o tempo inteiro, tudo bom o tempo todo” (P2).

“Então eu tive que ter muita persistência, força de vontade e sair da minha zona de conforto para eu poder me adaptar as situações, entender que eu tinha que aprender a falar, eu tinha que aprender a

comer e que eu tinha que viver naquela realidade porque só tinha ela, então eu acho que a palavras para isso foi persistência” (P5).

A característica pessoal da primeira fala é marcada pelo o otimismo, determinação e disposição diante o desafio. Já a segunda fala é determinada pela força de vontade, perseverança e adaptação. Mas outras características como a organização e planejamento, paciência, confiança e outras características e estratégias pessoais são evidenciados pelas falas dos intercambistas.

As **estratégias com os outros** se relacionam com um outro elemento importante para o enfrentamento que seria a **comunicação e interação**. A pesquisa de Oliveira e Freitas (2017) tem como princípio o capital simbólico que seria o enriquecimento cultural e pessoal do indivíduo construído na medida em que há o confronto de diferentes desafios e estratégias para a adaptação. Essa transformação/desenvolvimento é possibilitada pelas interações e relações que ocorreram durante a vivência do intercâmbio. As ideias propostas relacionam com as falas dos intercambistas:

“...em todos os desafios eles ficavam mais fáceis porque eu tinha vários amigos e várias pessoas me apoiando, então eu não me sentia sozinha, eu me sentia com pessoas muito amáveis o tempo inteiro, eu me sentia muito acolhida, eu sentia carinho por muitas pessoas e sentia o carinho que elas tinham por mim, apesar de eu ter visto esses desafios eu acho que foi muito fácil enfrentar todos eles pelas pessoas que tinha lá comigo nesse momento, eu acho que essas pessoas me ajudavam a sair de um mindset “de ter problema” para só tipo “ai é assim, a gente se vira e a gente vê o que vai dar e tal” (P2).

“O que melhorou o meu problema com isso aí foi a convivência, foi conversar com gente, conhecer gente nova e interagir com todo mundo que eu poderia falar, aí meu espanhol foi melhorando, aí eu acabei perdendo os problemas que eu tive quando eu cheguei lá” (P3).

“O que eu fiz para superar isso daí foi realmente o apoio da família e dos meus amigos, eu passei o natal na casa da minha família, onde todos da família dele foram para lá e a gente fez uma ceia ao modo colombiano, e no meu aniversário eu estava viajando com todos meus amigos para a praia” (P6).

A estratégia com os outros nas seguintes falas é evidenciada pelo sentimento de apoio e uma comunicação e interação com essas pessoas, e evidencia a importância do apoio e das relações para enfrentar as dificuldades e os sentimentos.

Como já discutido anteriormente o desenvolvimento dos relacionamentos íntimos são extremamente importantes para a saúde e bem-estar dos mesmos, tanto para o indivíduo se envolver ativamente em diversos relacionamentos, atividades e papéis sociais, quanto como uma forma de apoio social, os quais auxiliam o intercambista para lidar com o estresse e outras questões pessoais. Os dados da pesquisa Lima et al. (2009), nos mostram que o intercâmbio proporciona desenvolvimento pessoal em um ambiente desconhecido. Como podemos perceber uma das dificuldades é manter o próprio bem-estar no país estrangeiro, o indivíduo com a vivência dessa experiência desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento como veremos seguir.

4.2.6. Categoria 6: desenvolvimento pessoal

A categoria Desenvolvimento pessoal caracteriza todo o crescimento alcançado pelo intercambista durante a sua experiência do intercâmbio. A divisão das subcategorias, desenvolvimento em uma dimensão psicológica, desenvolvimento em uma dimensão social e cultural e desenvolvimento em uma dimensão profissional, especifica ganhos que foram desenvolvidos na vivência da experiência em cada área.

Figura 6 – Categoria 6: Desenvolvimento pessoal



Fonte – Dados da pesquisa de campo

Alguns elementos centrais da primeira subcategoria desenvolvimento em uma dimensão psicológica são: **segurança, autoconhecimento, coragem, flexibilidade,**

autonomia, melhor relacionamento intrapessoal e tornar-se mais aberto. Referentes à segunda subcategoria desenvolvimento em uma dimensão social e cultural foram: **maior compreensão do mundo e do outro, responsabilidade social, melhor relacionamento interpessoal, troca de experiências (aprendizado) e tolerância.** Por fim, a terceira subcategoria desenvolvimento em uma dimensão profissional alguns dos elementos principais foram: **aprimoramento linguístico, empreendedorismo, mudança de planos pessoais e profissionais, identificação com a profissão e mudança de curso.**

Como vimos anteriormente, a construção do capital simbólico propicia o desenvolvimento do intercambista. Este desenvolvimento acontece a partir dos desafios e das formas de enfrentamentos elaborados. Analisamos que as trocas de informações, crenças, culturas, hábitos e conhecimentos abre novas perspectivas e auxilia na superação das dificuldades, uma vez que o “intercambista” precisa se adaptar ao ambiente. Essas trocas são extremamente relevantes, pois agregam crescimento profissional, social e pessoal.

As ideias de Oliveira e Freitas (2017) se relacionam com um dos principais desenvolvimentos psicológicos proporcionados, **tornar-se mais aberto.** O desenvolvimento ocorre quando o intercambista se mostra aberto para o intercâmbio ao testar os limites do seu próprio conhecimento, das experiências pessoais e profissionais e o mesmo acaba permitindo a construção de si. Os dados podem ser compreendidos a luz das falas:

“O projeto da **Argentina** foi assim, foi bem legal porque eu era muito imatura, eu tinha acabado de fazer dezenove anos e eu não tinha tido muitas experiências **e fui muito com a mente aberta, foi muito legal porque eu consegui viver tudo o que a experiência tinha para me oferecer, eu consegui dedicar 100% ao projeto, 100% a família, me divertir, sair e conhecer pessoas**” (P2).

“**Mas eu também mudei em várias coisas, em ser mais aberto, e chegar mais em consentimentos, e me aceitar mais e ser mais eu genuinamente,** eu acho que sim, eu mudei muito e é bem louco porque foram apenas sete semanas, mas eu com certeza eu mudei muito” (P14).

A mobilidade como um capital simbólico passa a ser como uma disposição interior, ao estar aberto às mudanças a pessoa se atualiza. **A flexibilidade, sentir-se uma nova pessoa, responsabilidade e dinamismo** auxiliam nesta abertura. As

análises propostas por Freitas (2009) nos dizem que a cada nova experiência o todo é reavaliado na direção de mais mobilidade, para isso um pré-requisito a mobilidade precisa ser um desejo de buscar o novo sempre e de se conhecer sempre. Podemos ver essa atualização por parte do intercambista:

“Eu não diria uma nova pessoa, mas uma pessoa mais aprimorada, o intercâmbio mudou a minha visão sobre muitas coisas, e eu acho que antes do intercâmbio eu era uma pessoa menos tolerante, menos responsável, medrosa, menos compreensiva, tímida, menos decidida, embora eu tivesse uma opinião forte sobre as coisas, eu acho que eu tinha uma certa dificuldade em estabelecer um objetivo e fazer de tudo para chegar nele, eu acho que eu era um pouco mais confusa em relação a essas coisas, eu geralmente eu sabia qual era meu objetivo, mas eu não sabia como que eu poderia fazer para eu chegar nele, então buscar ferramentas e tudo mais. Eu acho que é isso, e **essas coisas eu consegui não mudar totalmente, obviamente porque a gente está em constante evolução e mudança, mas melhorou muito, me ajudou a enxergar as coisas de uma maneira diferente, inclusive a mim mesma”** (P9).

As ideias de Dalmolin et al. (2013) recordam que além de promover o desenvolvimento psicológico, a iniciativa do intercâmbio requer muita paciência, abnegação e capacidade de contornar os imprevistos para se adaptar e se comportar diante de uma situação nova. A experiência vivida promove vantagens além do aprendizado, tal como no desenvolvimento psicológico: autoconfiança, amadurecimento, independência, autonomia, capacidade de relacionar-se e, sentir-se “um cidadão do mundo”. A constante atualização colabora para que os intercambistas melhorem suas relações pessoais e interpessoais, valorizando mais o afeto. Proporcionando assim, o desenvolvimento de **aprender a dar mais valor, melhor relacionamento intrapessoal, autonomia, segurança, paciência, resiliência e autoestima.** A ideias se relacionam com as falas:

“Eu acho que eu me desenvolvi em relação a autonomia e em relação a língua que eu aprendi, também eu acho que eu cresci basicamente com todas as histórias de todos os alunos que eu tive que lidar” (P1).

“O quanto eu me conheci como eu disse antes, eu utilizei todo o meu tempo ocioso para me conhecer mais, para tipo eu olhar para dentro de mim, então foi como se eu tivesse feito um amigo novo, eu consegui olhar muito melhor para dentro de mim e eu também colecionei muitas histórias” (P7).

“A gente acaba ficando mais responsável, e também a **resiliência** entre os problemas ajuda bastante a gente a ver e solucionar” (P8).

“**Intrapessoal porque eu tive que manter a calma várias vezes e tive que ter muita paciência, e isso me fez mais madura de certo modo e de não entrar em pânico**, as vezes eu sinto que eu tenho mais maturidade que meu pai e minha irmã, que quando vê alguma coisa que está quebrando eles ficam nervosos, e eu fico pensando “não precisa fazer tempestade em um copo de água” (P10).

“Eu não sei se necessariamente eu desenvolvi algo, mas **eu comecei a reparar em algumas coisas, tipo no que eu dava valor de relacionamento entre amigos, o que me faz conectar com alguém ou não**, lá eu me sentia muito exposta, eu tinha a sensação de que eu estava muito exposta, em tudo assim desde ser uma pessoa diferente dentro de casa até andar pelas ruas e as pessoas saberem que você não é de lá” (P11).

Um dos principais desenvolvimentos psicológicos proporcionados pelo intercâmbio é o **autoconhecimento**. A pesquisa de Freitas (2009) descreve que a convivência intercultural favorece um maior autoconhecimento pessoal, a necessidade de se desembaraçar de um contexto cultural herdado e também um melhor conhecimento do outro, como veremos na próxima subcategoria. A convivência intercultural impõe ao nosso pensamento um esforço de compreensão. A ideia confirma-se com as falas:

“Eu sentia que eu estava crescendo, evoluindo como pessoa, como ser humano e que eu estava aprendendo, eu acho que essa foi a parte que eu mais achei incrível, **eu aprendi muito sobre muita coisa, desde de como me relacionar com as pessoas até como me relacionar comigo mesmo, então é uma jornada de autoconhecimento**” (P9).

“Então eu acho que é uma das maiores coisas que a experiência internacional pode te dar, **você se redescobre, você acaba vendo em si mesmo coisas que você não via antes, hoje eu não sou a mesma Bruna de um ano e nove meses atrás**” (P13).

Portanto, reparamos que o desenvolvimento psicológico aumenta a capacidade do indivíduo em seus relacionamentos intrapessoais, favorecendo a descoberta de aspectos ainda não pensados antes da convivência com outros povos, e também aumenta a capacidade do indivíduo em seus relacionamentos interpessoais.

Desenvolvimento social e cultural

A aproximação entre instituições de diferentes partes do planeta proporciona novas formas de aprendizagem e de produzir, gerenciar e ampliar o conhecimento. O desenvolvimento social tal como a **responsabilidade social, valores da cidadania e promover o bem e a mudança** atrelam-se aos princípios apresentados por Pereira (2017), em que diz que o intercâmbio e a interculturalidade é a educação. A educação é importante para a formação do indivíduo como um todo, tem como papel a construção de uma cidadania ativa capaz de gerar dinâmicas construtivas para com a sociedade, indivíduos mais críticos e com voz mais ativa pode proporcionar uma igualdade ou menor desigualdade. Associa-se essas ideias com as falas:

“Eu chegar lá e conhecer, primeiro, a pobreza, segundo, o jeito do mundo inteiro com perspectivas totalmente diferentes, falando um idioma diferente, ter uma responsabilidade imensa de um projeto social 100% nas minhas costas, quando **eu sai desse intercâmbio e eu me senti uma pessoa com poder e responsabilidade, tipo eu tenho um dever com minha sociedade e comigo mesma**” (P2).

“**Todos nós estávamos no mesmo ideal de fazer o bem e de fazer com que esses jovens mudassem um pouco a sua linha de pensamento**, mostrar que o caminho seguido por eles não seria mesmo de fato positivo para a vida” (P6).

“**Eu desenvolvi uma vontade de fazer mais pela sociedade e me engajar mais com as coisas**, não só de uma forma a distância, mas está ali tendo o contato porque eu acho que isso é muito importante” (P9).

Assim como a mobilidade é um capital simbólico, o capital cultural e o capital social também são e ambos são tão úteis quanto o capital econômico que é representado pelos bens financeiros e patrimoniais. O desenvolvimento social, como um **melhor relacionamento interpessoal, troca de experiências (aprendizado), melhor comunicação e interação e comunicação intercultural**, evidencia-se com os saberes de Freitas (2009), que esclarece que o capital cultural seria o conjunto de conhecimentos adquiridos, idiomas falados, diplomas, maneiras de se comunicar e outras questões; e o capital social seria as redes de relações do indivíduo ou de um grupo. A pesquisa ratifica o que afirma:

“Eu acho que desde que eu sai do primeiro intercâmbio foi que eu me decidi mesmo que eu queria continuar fazendo isso, que **eu queria continuar indo em outros países, visitando outras culturas, podendo trabalhar em projetos sociais em outros países**” (P4).

“**Eu acho que eu acabei tendo uma comunicação melhor** as vezes, até vendo pelo lado da pessoa que as vezes a gente acaba tendo uma comunicação, ou uma fala mais direta porque **aqui no Brasil a gente acaba tendo uma comunicação bem mais com “rodeios”, você fala de tudo para não ferir as pessoas, e aí eu percebi que é só uma coisa cultural**, eu tive muito isso com os alemães, mas não é que eles querem te machucar” (P8).

“**Eu aprendi e contribuiu muito para eu conseguir fazer a minha relação com pessoas totalmente diferentes e com os pensamentos totalmente diferentes ser bem proveitosa, sempre tirar um conhecimento**, um aprendizado, uma coisa boa, e isso era uma coisa bem difícil para mim” (P9).

“**Interpessoal** porque os desafios que eu passava eu tinha que lidar com pessoas diferentes, personalidade fortes” (P10).

O conhecimento não tem nacionalidade, a busca por conhecimento ultrapassa fronteiras. A necessidade de entender, interagir e integrar pessoas, grupos, organizações e nações diferentes causa uma mudança interior que reflete no indivíduo e em suas ações. A interação social é relevante para esses indivíduos e seu respectivo desenvolvimento.

Para os jovens adultos intercambistas alcançar uma identidade étnica segura, eles devem vir a entender-se como parte de um grupo étnico e como parte da sociedade mais ampla. Os estudos de Phinney, Jacoby e Silva (2007 apud PAPALIA) e Feldman (2013, p.487), associam-se com o **desenvolvimento da empatia** e a **tolerância**, e apontam que ambientes diferentes da cultura de origem faz o intercambista questionar os seus próprios valores tradicionais e faz desenvolver sentimentos positivos tanto em relação à própria identidade quanto em relação a cultura mais ampla, podendo ter interações entre grupos diferentes e em reduções na discriminação. Os resultados confirmam os achados:

“A gente acaba conversando bastante, tanto com os intercambistas quanto com a minha família e eu acho que até essa coisa da comunicação foi diferente, **ter uma empatia no sentindo que a pessoa foi criada daquele jeito**” (P8).

“**Tolerância**, eu acho que eu aprendi a ser uma pessoa mais tolerante, eu era uma pessoa bem intolerante antes quanto opiniões muito divergentes da

minha, e **eu aprendi a ser uma pessoa mais tranquila e mais calma e tentar compreender o outro melhor**” (P9).

“Os meus amigos e professores eram de uma bolha muito diferente do que uma cidade na Colômbia porque era América do Sul, mas ainda assim o Brasil é melhor que a Colômbia, **eu achei que me ajudou a quebrar a cara de uma maneira positiva e me fez ter mais empatia com o próximo**” (P10).

A convivência com a diversidade plural gera a necessidade de uma melhor compreensão e relação com o outro, de resolver problemas e criar novas oportunidades juntos. O contato com a diferença favorece a mobilidade interna e externa dos indivíduos favorecendo a redução de atitudes como: o racismo, xenofobias, exclusões, discriminações, fundamentalismos raciais, intolerâncias religiosas e outras.

O indivíduo em contato direto com uma cultura diferente da sua apresentará um crescimento em sua formação cultural. Esta formação pode ser discutida com as ideias de Guimarães e Olivia (2017). O desenvolvimento de uma **maior compreensão do mundo e do outro** seria essa formação que possibilita a vivência e o debate sobre as diversidades culturais, um meio importante para o indivíduo construir novas relações e conviver com as diferenças. Tais ideias são evidenciadas pela seguinte fala:

“A questão do trabalho, eu trabalhei com gente que eu não tinha muito na minha vida e no meu contato social, pessoas com histórico familiar complicado que acabou gerando problemas com drogas, problemas de violência, problemas familiares, problemas de vício, de roubo e até de morte. Isso me chocou bastante, **tratar com essas pessoas e descobrir o porquê de elas estarem naquela situação porque é muito fácil julgar a pessoa, pelas atitudes, pelas ações deles, mas sempre atrás dessas ações tem um histórico,** então com o meu trabalho eu também passei a ter esse olhar e sair um pouquinho do que a sociedade está visualizando, **mas visualizar o por trás de tudo que envolve aquilo dali** (P6).

Portanto, a educação intercultural defende a formação de um cidadão que compreenda e respeite as diferentes culturas da sociedade. As propostas de Blanco (2003) associam com o desenvolvimento de uma **maior compreensão do mundo e do outro**, o aumento da capacidade de comunicação e interação entre pessoas de culturas diferentes se dá quando se atenta aos elementos culturais de cada um, estimulando atitudes favoráveis à diversidade cultural, com

respeito e admiração ao próximo proporcionará possibilidades que favoreçam e respeitem o desenvolvimento.

Desenvolvimento profissional

O autoconhecimento, descobrir a própria identidade, gostos, características, habilidades e outros levaram aos intercambistas aos seguintes ganhos: **mudança de planos pessoais e profissionais, identificação com a profissão e mudança de curso**. Pesquisa desenvolvida por Freitas (2009) indica que a necessidade de desenvolver novas perspectivas diferentes daquelas que foram herdadas favorece um maior autoconhecimento pessoal. Identificamos as falas a seguir:

“Voltando para a fotografia, hoje eu penso em investir nisso aí, eu já estou me jogando e mudando, a minha parte profissional está mudando completamente, eu já não estou mais tão a fim de trabalhar com relações internacionais, apesar de ter sido uma boa experiência para relações internacionais, porque eu aprendi espanhol e conheci outras culturas e tudo mais, eu acho que ela me abriu a cabeça para uma parte que eu não olhava direito, que seria a parte da fotografia e da arte” (P3).

“Eu acho que o jeito que esse intercâmbio me fez mudar um pouco os planos para o futuro profissional e pessoal foi reparar que nem sei direito como, mas no futuro eu quero mesmo uma oportunidade de morar fora, e não só por uma semana, eu descobri que me colocar nessa situação voluntariamente de aprender outra cultura a força, morando lá e ter aqueles momentos de incomodidade e ter momentos de aprendizado é um intercâmbio cultural que eu não vou ter aqui em casa” (P14).

As fronteiras são derrubadas e o mundo é representado por uma população universal. As ideias propostas por Guimarães e Oliveira (2017) nos mostram que após uma estadia no exterior espera-se que o indivíduo volte munido de ferramentas profissionais. Observamos pelos relatos dos intercambistas o desenvolvimento da **liderança, melhor comunicação e interação e empreendedorismo**. A mobilidade é além de uma mudança e locomoção, é também uma forma de investir em si mesmo e no seu próprio desenvolvimento; Os dados confirmam o achado:

“Eu fiz parte da AISEC quando eu voltei, eu fundei um time da INACTUS lá em Maceió, eu recebi e fiz vários projetos na INACTUS, projetos que mudaram a vida de várias pessoas junto com outros colegas da faculdade,

eu recebi premiação nacional e internacional, eu fui reconhecida pela ONU por causa dos meus projetos, então foram coisas que só aconteceram porque eu vivi essa experiência na Argentina, sem ela eu com certeza eu não seria quem eu sou hoje” (P2).

“No segundo intercâmbio eu já sentia que eu já tinha evoluído bastante durante um ano, até porque quando eu voltei do primeiro intercâmbio **eu entrei para a organização que também me ajudou a desenvolver esse lado de liderança, de expor minhas ideias e não me esconder, de estar afrente de tudo e tentar resolver problemas**” (P4).

“Desenvolvimento profissional, sim, eu aprendi a ter resiliência, paciência, **comunicação não violenta, essas coisas que a gente aprende em situação de conflito**” (P11).

O intercâmbio como vimos é uma oportunidade de conhecer novas culturas, sistemas políticos e organizações sociais, além disso de aprender e aprimorar e/ou conhecer as variantes linguísticas de um novo idioma. Essas concepções de Dalmolin et al (2013) vão ao encontro com o elemento **aprimoramento linguístico** alcançado pelos os intercâmbios durante a vivência do intercâmbio, uma das competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento. As falas ilustram:

“Primeiro foi o espanhol e o segundo foi essa visão que eu falei que eu mudei, porque antes eu não pensava em fazer fotografia até ir para a Colômbia e começar a investir, tipo começar a experimentar fazer fotografia, aí foi uma das coisas que mudou assim a minha visão na hora que eu cheguei” (P3).

“Eu acho que no ponto de vista de idiomas eu acho que eu me desenvolvi bastante nisso, eu acho que sem dúvida está sendo uma experiência enriquecedora poder falar em outra língua, poder escrever agora que eu estou escrevendo aqui em outra língua” (P4).

“Depois que eu entrei nesse meu trabalho, que foi por conta do intercâmbio porque eles precisavam de pessoas que falassem espanhol, e **eu aprendi a falar espanhol no intercâmbio**” (P5).

A vivência desta experiência é central para a formação global e desenvolvimento do capital de mobilidade, e o **desenvolvimento da carreira** dos intercambistas deu-se no investimento em capital humano. As investigações realizadas por Oliveira e Freitas (2016) relatam que a busca no exterior seria esse investimento importante para a melhoria da qualificação profissional. Como já

comentamos a experiência de mobilidade é importante para o desenvolvimento pessoal e intercultural do indivíduo. A fala a seguir evidencia a discussão:

“Aqui em Maceió eu sou uma pessoa super respeitada em relação a projetos sociais e empreendedorismo, por conta de tudo que eu desenvolvi **as portas da minha carreira se abriram, se eu não tivesse feito os projetos sociais eu não teria aprendido habilidades que eu não teria sido reconhecida pela ONU, eu não teria o meu TED e eu não teria tido relevância suficiente para conseguir o emprego que eu tenho hoje**, que para mim é um emprego dos sonhos, em uma cidade que tem muita oportunidade para mim, então é um efeito cascata muito grande” (P2).

O intercambista desenvolve habilidades que contribuem para o crescimento de sua carreira profissional e pessoal, como dissemos, uma formação global. Os elementos **importância no currículo, desenvolvimento de novas habilidades e importância para a formação profissional** esclarecem os dados levantados por Lima et al. (2009). Para esses autores, a mobilidade internacional amplia o capital intelectual e contribui para o desenvolvimento de competências valorizadas pelo mercado de trabalho. Percebemos que esses elementos nas falas a seguir:

“**Eu estudo direito então em uma parte do que eu estudei era a questão do direito penal, e ter contato direto com essas pessoas me ajudou bastante.** Teve realmente um impacto apesar de eu não pretender trabalhar numa questão penal, **te traz uma visão extremamente importante e um olhar mais específico para cada situação, eu acho que isso foi agregar**, por exemplo, o profissional do direito ele necessariamente precisa passar por isso” (P6).

“Não, eu fui para lá eu já tinha feito três estágios em um ano e eu sempre soube que eu queria para frente, mas **eu sabia que o intercâmbio seria uma coisa muito interessante para eu colocar em um currículo**, e principalmente uma história legal para eu contar, então eu fui sempre meio pé no chão com isso” (P7).

“Como profissional eu acredito que eu tenha desenvolvido bastante esse lado, então se eu pudesse aconselhar alguém eu diria “vá fazer um intercâmbio. **Tanto é que minha mãe falou que eu morreria de fome, eu me aprofundei lá e trabalhei em um restaurante e voltei chefe de cozinha**” (P15).

Em vista disso, o indivíduo consegue obter várias oportunidades e beneficiar-se dessa diversidade. O desenvolvimento e formação global inclui oposição e conflito no que tange às

diferenças. A vivência do intercâmbio promoveu inúmeras habilidades para se adaptar, novas competências e uma possibilidade da mudança de visão de mundo, fazendo com que os indivíduos enxergassem diferentes soluções para a região em que vive.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresenta como objetivo central compreender como se caracteriza o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio e o que impulsiona tal desenvolvimento. A pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e estudo de campo foi realizada com entrevistas aplicadas remotamente a um grupo amostral de 15 jovens adultos intercambistas.

A mobilidade internacional iniciou-se na Europa no final do século XX, com o foco de trocar experiências pessoais, sociais, profissionais e acadêmicas. Hoje em dia não se difere os objetivos, sendo que o aumento das experiências interculturais se deu pela influência da globalização, que acabou aproximando pessoas e instituições de todo o mundo, o acesso à informação se ampliou e facilitou essas trocas.

A análise dos conteúdos obtidos por meio das entrevistas revelou que o intercâmbio é um projeto de se conhecer e conhecer outras culturas, línguas, pessoas, o mundo de uma maneira geral. As motivações são várias; os sentimentos associados a esta experiência são fluídos; as diferenças culturais além de possibilitarem o enriquecimento cultural, pessoal e profissional também fazem o intercambista sentir uma dificuldade inicial que o impulsiona ao processo de adaptação.

O contato com as variantes culturais, de clima, hábitos, valores, faz com que o intercambista absorva novas culturas e novos hábitos, assim como a exposição da sua própria cultura. Estar longe do seu país de origem, família, amigos, costumes é desafiador, a adaptação se dá à medida que a experiência vai ocorrendo, os sentimentos vão se transformando, ansiedade, medo e insegurança dão lugar à coragem, à determinação e à confiança. Esse processo dinâmico impulsiona o desenvolvimento do intercambista.

Podemos dizer que o objetivo proposto na presente pesquisa foi alcançado e apresentaremos a seguir algumas ideias conclusivas.

Associando com o primeiro objetivo específico **compreender os sentimentos vividos pelo indivíduo em uma experiência intercultural**, os sentimentos variam conforme cada etapa, o início, o meio e o fim do intercâmbio. As flutuações dos sentimentos demonstram que a experiência do intercâmbio não é de todo positiva, há momentos difíceis nos quais os intercambistas passam e relatam a adversidade dessa

vivência, principalmente no fim, com o rompimento e distanciamento das relações e dos vínculos formados. Esse é um momento bastante intenso para os intercambistas.

Os relacionamentos são extremamente importantes para o intercambista e o seu bem-estar durante a vivência do intercâmbio. Assim como os sentimentos, os relacionamentos também têm um caráter ambíguo, mas há uma prevalência dos aspectos positivos das relações e dos relacionamentos. O apoio para lidar com os desafios, estresse e outras questões pessoais reforçam essa importância.

A experiência do intercâmbio requer muita paciência, abnegação e capacidade de contornar os imprevistos, e o segundo objetivo específico **identificar os desafios de uma experiência intercultural e as formas de enfrentamento** ressalta a evolução dos intercambistas. O desenvolvimento de características e estratégias pessoais e estratégias com os outros foram uma das formas de enfrentamento desenvolvidas para lidar com o desafio, que vão desde questões pessoais até culturais e ambientais.

A partir dos desafios vivenciados e as formas de enfrentamento desenvolvidos, o contato com as diversidades culturais e os relacionamentos constituídos proporcionaram ao intercambista um desenvolvimento e formação global, aspecto explorado no objetivo específico **caracterizar o desenvolvimento alcançado pela experiência do intercâmbio numa dimensão psicológica, social, cultural e profissional**.

A vivência dessa experiência proporciona uma melhora no relacionamento intrapessoal, e o autoconhecimento que ocorre faz com que o intercambista se sinta uma nova pessoa, mais segura, corajosa, flexível, autônoma, paciente e com outras evoluções. Verificamos também um aperfeiçoamento do relacionamento interpessoal, uma maior compreensão do mundo e do outro produz uma troca de experiências e aprendizados, levando a uma melhor comunicação e interação, o aumento da tolerância e da responsabilidade social. Por fim, quanto à formação profissional, ao melhorar as relações interpessoais e intrapessoais, há aprimoramento linguístico, mudança de planos pessoais e profissionais, desenvolvimento da carreira e mudança de curso e empreendedorismo. Esses são alguns dos desenvolvimentos que ocorreram com o intercambista.

O desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio é favorável tanto para o intercambista quanto para a região em que vive. Podemos dizer

que o que impulsiona tal desenvolvimento é desde a resolução e enfrentamento dos desafios até as relações constituídas durante a experiência do intercâmbio.

Esta pesquisa é importante para mostrar o quanto uma experiência intercultural pode colaborar com a sociedade, o contato com as diversidades culturais revela uma maior tolerância com o outro e com a diferença. Em um mundo globalizado que vivemos em constante integração social, política, cultural e econômica, a troca de experiências permite uma maior cooperação entre as nações, regiões e pessoas. A vivência desta experiência a partir dessas trocas de conhecimento e aprendizados promove uma formação profissional e pessoal para o cidadão.

A partir desta pesquisa sugerem-se novas pesquisas que possam aprofundar neste assunto. Análises futuras que tem como foco:

- Preparação e orientação para a vivência da experiência intercultural, não somente por parte da instituição contratada, mas principalmente para os intercambistas irem mais preparados para a experiência;
- O contato com as diversidades culturais é bastante comentado pelos os intercambistas. Diante disso é relevante caracterizar melhor o contato, a mudança de percepção, antes e depois, crenças e sentimentos;
- Observar a diferença da vivência da experiência por uma outra faixa etária, mais velha ou mais nova. E assim salientar se há uma distinção do desenvolvimento, pensamento, sentimentos e percepções;
- Constatar se há diferença de uma vivência da experiência mais prolongada e outra com menor tempo de duração;
- Avaliar o desenvolvimento pessoal alcançado por estrangeiro que vem para o Brasil vivenciar uma experiência intercultural. Caracterizar a percepção, sentimentos e pensamentos sobre o país.

Com a apresentação dessas possibilidades de continuidade e aprofundamento da temática finalizamos o presente trabalho, com a perspectiva que o estudo das relações interculturais é instigante e relevante para uma maior compreensão do ser humano de forma global.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G.; KNIGH, J. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realitie. The NEA 2006 Almanac of Higher Education, 2006.
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Ribeirão Preto: **Paidéia**, FFCLRP, 1992.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, (45): p. 66-71, 1983.
- BARBLAN, A. Academic co-operation and mobility in Europe: how it was and how it will be. **Higher Education in Europe**, Brussels, v. 27, n. 1-2, 2002
- BARROS, A. J. P. LEHFELD, N. A.S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BECK, U. **O que é Globalização? Equívocos do globalismo. Respostas à globalização**. Tradução André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BLANCO, M. A. B. La educación intercultural como respuesta educativa a la diversidad. **Educación y Futuro**, Madrid, n.8, p.41-50,2003.
- BRUCHEZ, Adriane et al. Análise da Utilização do Estudo de Caso Qualitativo e Triangulação na Brazilian Business Review. Rio Grande do Sul, 2015.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Brasília: **Rev Bras Enferm**, 2004.
- CASTRO, A. A; CABRAL, NETO, A. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**. v., p. 69-96. Lisboa, 2012.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- DALMOLIN, Indiara S. et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. Brasília: **Rev Bras Enferm**, 2013.
- DOWBOR, L. Educação e Desenvolvimento Local. *In*: MAFRA, Jason (Org.). **Globalização, Educação e Movimentos Sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Editora Esfera, 2009.
- DUARTE, Rosálina. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba: UFPR, 2004.

FERNADEZ, B. Identité nômade. Paris: Anthropos, 2002.

FREITAS, M. E. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **O&S – Organizações e Sociedades**, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GONSALVES, E.P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GUIMARÃES, O. M. A Globalização do conhecimento: Uma análise da mobilidade estudantil internacional dos estudantes da UNESP. Franca: **Revista Camine Caminhos da Educação**, 2013

IANNI, O. **Teorias da globalização**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

KAMIMURA, Q. P; OLIVEIRA, E. A. A. Q. Boas práticas em gestão contemporânea: uma Coletânea de Estudos Regionais. *IN*: GUIMARÃES, S. R. E. F; OLIVEIRA, A. L. **Mobilidade acadêmica internacional: estudo de caso em instituições públicas de ensino superior**. Taubaté: EDUNITAU, p. 316-335, 2017.

LIMA, M. C. et al. Motivações da Mobilidade Estudantil entre os Estudantes do Curso de Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. Curitiba: ANPAD, 2009.

MARIANO, F. **Intercâmbio ai vou eu!** Um guia completo para fazer Intercâmbio em qualquer idade. São Paulo: Alaúde, 2008.

MAZZA, Débora. O direito humano à mobilidade: dois textos e dois contextos. Brasília: **revista interdisciplinar da mobilidade humana**, 2015.

MYERS, M. D. Pesquisa Qualitativa em Sistemas de Informação. *MIS Quarterly*, vol.21, n.2, p.241-242, 1997.

OLIVEIRA, A. L. de; FREITAS, M. E. de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v.32, n.3, p.217-246, Set. 2016.

OLIVEIRA, A. L. de.; FREITAS, M. E. de. Relações interculturais na vida universitária: Experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro v. 22. n.70, p. 774-801, Set. 2017.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; Desenvolvimento Psicossocial no início da vida adulta e no adulto jovem. *In*: PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano** (12ª). Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; Desenvolvimento físico e cognitivo na vida adulta intermediária. *In*: PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano** (12ª). Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, M. J. Intercâmbio estudantil no ensino técnico: a perspectiva de discentes, docentes e gestores de instituições públicas. Taubaté: UNITAU, 2017.

SILVA, Claudia C. S; LIMA, Manolita C; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. Florianópolis: GUAL, 2013.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Educação Brasileira, v. 24, n. 48-49, p. 35-57, 2003.

TASCI, A. D. A.; GARTNER, W. C.; CAVUSGIL, S. T. Conceptualization and Operationalization of Destination Image. Journal of Hospitality & Tourism Research, V. 31, p. 194, 2007.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Paris, 2002.
Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.
Acesso em: 06 de abr. 2020.

ANEXO A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

PESQUISA: O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL.

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como objetivo compreender como se caracteriza o desenvolvimento pessoal alcançado a partir da experiência do intercâmbio e o que impulsiona tal desenvolvimento. Esta pesquisa faz parte do projeto “O Processo De Resiliência De Jovens Intercambistas”, desenvolvido pela Profa. Dra. Adriana Leonidas de Oliveira.

2. Participantes da pesquisa: Jovens adultos “intercambistas” da faixa etária entre 18 a 30 anos de idade, os quais tenham feito uma experiência intercultural em um país estrangeiro há no máximo (4) quatro anos com duração mínima de um mês.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao se integrar neste estudo você deve participar de um procedimento para a coleta de dados que será conduzido por André Rodrigues, aluno de Graduação do curso de Psicologia. Você deverá responder algumas perguntas por meio de entrevista semiestruturada. Você terá tempo livre para responder ao solicitado e eventuais dúvidas serão esclarecidas no momento da aplicação.

É previsto um único contato com cada participante, que deve durar aproximadamente 1 hora, entretanto, caso o participante se sinta cansado e assim desejar, a coleta de dados poderá ser dividida em dois encontros. Você tem a liberdade de recusar a sua participação, sem qualquer prejuízo para você. Solicitamos sua colaboração garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa entrando em contato com a Pesquisadora responsável Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira através do telefone (12)981326333 (inclusive ligações a cobrar) ou com o aluno André, através do telefone (12)981598164 (inclusive ligações a cobrar).

4. Riscos: A pesquisa apresenta risco mínimo. O possível risco que a pesquisa poderá causar é que o (a) Sr. (a) se sinta desconfortável emocionalmente, inseguro ou não deseje fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador. Com vistas em prevenir possíveis riscos gerados pela presente pesquisa ficam-lhe garantidos os direitos de anonimato, de abandonar a pesquisa a qualquer momento, de deixar de responder qualquer pergunta que julgue por bem assim proceder, bem como solicitar para que os dados fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Os procedimentos utilizados não oferecem riscos à sua dignidade.

5. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados serão identificados com um código, e não com o nome. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

6. Benefícios: Participar da presente pesquisa poderá possibilitar sua reflexão e maior compreensão sobre sua experiência do intercâmbio, ou seja, sobre suas forças, desenvolvimento e formas de enfrentamento dos desafios e dificuldades. O conhecimento adquirido poderá subsidiar o desenvolvimento de outras pesquisas, assim como evidenciar a importância de uma experiência intercultural como o intercâmbio para o desenvolvimento pessoal.

7. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação do (a) mesmo (a).

8. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você pode a qualquer momento, retirar seu consentimento, excluindo a sua participação.

9. Após a conclusão estará à disposição na Biblioteca do Campus do Bom Conselho da Universidade de Taubaté, uma monografia contendo os resultados.

10. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto, preencha os itens que seguem:

Consentimento pós-informação

Eu, _____,
portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL”** de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura

Taubaté, ___ de ___ de 2020.

Profª Drª Adriana Leônidas de Oliveira

CRP. 06/41548-8 – Pesquisador Responsável

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA JOVENS ADULTOS “INTERCAMBISTAS.

PROJETO: O INTERCÂMBIO COMO EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Dados de identificação

- Local da entrevista:
- Nome:
- Data de nascimento:
- Nacionalidade:
- País destino:
- Profissão:
- Tempo de estadia:
- Estadia:
- E-mail:
- Data:
- Sexo:
- Idade:
- País:
- Cidade:

Questões da Pesquisa

1. Explique como foi a escolha desse intercâmbio?
2. Como você estava antes de ir para o intercâmbio, quais eram os seus sentimentos?
3. Me fale sobre o seu intercâmbio, o que você foi fazer?
4. Como era a sua relação e os seus sentimentos com a instituição e as pessoas com quem trabalhava?
5. Como era a sua relação com os outros intercambistas?
6. Como você se sentia em relação a sua estadia?
7. Como foi para você entrar em contato com uma nova cultura? Exponha suas primeiras impressões e seus sentimentos em relação ao primeiro contato com o país visitado.
8. Como foi o desenvolvimento do intercâmbio, como eram os seus sentimentos após alguns dias nessa experiência?
9. Para você quais foram os seus principais desafios e dificuldade e como você lidou com isso, ou seja, quais foram as formas de enfrentamento que você desenvolveu para lidar com esses obstáculos?
10. De que maneira você se sentia frente e após lidar com esses obstáculos?

- 11.** Como foi o final do intercâmbio? De que jeito você sentia ao ter que ir embora e ao mesmo tempo voltar para o seu país?
- 12.** Me diga de maneira geral o desenvolvimento que essa experiência proporcionou. Você acha que você se desenvolveu durante o intercâmbio? Em quais aspectos da sua vida? (Explorar possível desenvolvimento psicológico, social, cultural e profissional)
- 13.** Você acredita que a vivência dessa experiência acabou impactando e influenciando seus planos pessoais e profissionais?
- 14.** Descreva-se antes de ir para o intercâmbio e após ter voltado do intercâmbio. Você se sentia uma pessoa diferente?